

Ave MARIA

REVISTA MENSAL
ANO 102
R\$ 2,50

MARÇO
2001

Adolescentes construindo a paz

A TORTURA



VIDA SIM!...



**LONGE
DAS DROGAS**



A Caridade

Carta de São Paulo aos cristãos de hoje:

"Se eu aprender inglês, alemão e chinês, e dezenas de outros idiomas, mas não souber me comunicar como pessoa, de nada valem as minhas palavras.

Se eu concluir um curso superior, andar de anel no dedo, freqüentar cursos e mais cursos de atualização, mas viver distante dos problemas do povo, minha cultura não passa de inútil erudição.



Se eu morar no Nordeste, mas desconhecer os problemas e sofrimentos de minha região e fugir para férias do Sul, até na América ou Europa, e nada fazer pela promoção do homem, não sou cristão.

Se eu possuísse a melhor casa de minha rua, a roupa mais avançada do momento e o sapato da moda, e não me lembrar que sou responsável por aqueles que moram na minha cidade e andam de pés no chão, e se cobrem de molambo, sou apenas um manequim colorido.

Se eu passar os fins de semana em festa e programas, sem ver a fome, o desemprego, o analfabetismo e a doença, sem escutar o grito abafado do povo que se arrasta à margem da história, não sirvo para nada.

O Cristão não foge dos desafios de sua época. Não fica de braços cruzados, de boca fechada, de cabeça vazia; não tolera a injustiça, nem as desigualdades gritantes de nosso mundo; luta pela verdade e pela justiça, com as armas do amor.

O cristão não desanima, nem se desespera diante das derrotas e dificuldades porque sabe que a única coisa

que vai sobrar de tudo isso, é o **AMOR.**"



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 20,00.

Ligue grátis: 0800-555-021
Fax: 3826-7016

Ave Maria na internet:

www.revistavemaria.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@revistavemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Anselmo Pereira Almeida, MG; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Nildo Lopes de Andrade, Norte do Paraná, PR; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Roselene C.S. Ruy, Piracicaba, SP; Juarez Nicodemus Gonçalves, Baurú, SP; Andreia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP;

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ____ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

A vida merece cuidados

Seguindo a linha das Campanhas da Fraternidade anteriores, a Igreja olha este ano, de maneira especial, para a vida em botão, a dos jovens. Convida a todos, católicos e não católicos, para participar de uma ação que alcance reduzir sistematicamente o número das vítimas das drogas.

Em primeiro lugar, devemos considerar que são bilhões de reais e dólares em circulação, dando poder e semeando corrupção. Não envolvem somente o usuário (dependente ou iniciante), mas também os traficantes, os agentes financeiros, os produtores e, não raro, também algumas autoridades. Freqüentemente, vemos na TV que milhares de quilos de droga pesada, cocaína, foram apreendidos, ou dezenas de hectares de maconha foram queimadas. E o que a polícia e a imprensa não conseguiram detectar?

Não são muitas e muitas vezes mais?

Quais seriam as causas das brigas de gangues com mortes e as incontáveis chacinas violentas, que ocorrem nas periferias das grandes cidades? As drogas.

Quais os motivos que levam bandos a seqüestram pessoas, mesmo os seqüestros-relâmpagos, agora em moda? As drogas.

O que leva filhos a furtarem, em suas próprias casas, valores e bens da família? As drogas.

A droga é uma violência contra o corpo e alma dos jovens. Tira a liberdade, os ideais, o amor, a felicidade, a vida.

Neste número, na Palavra do Papa — "Futuro digno do homem" (p.6), João Paulo II, refletindo sobre o caminho atual no mundo ferido pela degradação moral, a violência, a injustiça

e opressão, diz ser "necessário um esforço contínuo de conversão que endireite o rumo da humanidade para seguir a 'arte de Deus', que é seu desígnio de paz e de amor, de verdade e de justiça". Também encontramos importantes tópicos, abordando o tema da Campanha da Fraternidade em "Fraternidade e as drogas" (p.7) e "Drogas" (p.9) de J. B. Libânio.

Um dos caminhos apontados como contribuição excelente contra as drogas é a educação. Não somente escola para todos, que lamentavelmente não se logrou ainda ter no Brasil, mas também educação para a vida e a responsabilidade para agir e interagir pacificamente, capaz de discernir o que constrói e o que destrói entre os homens. "Adolescentes construindo a paz" (p.15) de Francisco G. de Matos retoma a importância da educação para a paz.

Na pauta da Mídia, floresce agora com freqüência o assunto sobre o Projeto Genoma. Estaria o homem manipulando o intocável? A ciência que altera genes seria uma "droga" invadindo uma estrutura celular

formada em milhões de anos? No artigo "Trangênicos" (p.14) de Hermes Rodrigues Nery, são levantados alguns questionamentos, lembrando-nos da importância de se definirem limites.

A vida do homem e do planeta merece cuidados, muitos cuidados. E é nessa direção que deve estar o primeiro e fundamental caminhar da Igreja. "Amar a humanidade, ensina o Papa, pelo seu bem-estar material e espiritual, por um progresso autêntico" ... "e a todos sejam preparadas as possibilidades de crescer no corpo e no espírito".

P.C.G.

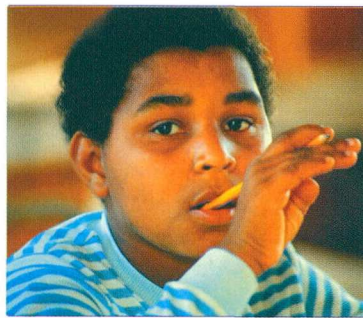


Foto da capa: Verbo Filmes

Novos cardeais brasileiros



Fotos: arquivo

Brasília, DF, 5/2. No domingo, dia 21/1, no Vaticano, o Papa João Paulo II anunciou a nomeação de 37 novos cardeais. Entre eles, estavam dois brasileiros: o arcebispo metropolitano de São Paulo, SP, d. Cláudio Hummes, e o primaz do Brasil, d. Geraldo Majella Agnelo, arcebispo de São Salvador, BA.

D. Cláudio Hummes foi bispo diocesano de Santo André, SP, de 1975 até 1996, quando foi nomeado arcebispo de Fortaleza, CE. Em 1998, foi designado para a Arquidiocese de São Paulo. Foi membro da Comissão Episcopal da Pastoral e Assistente Nacional da Pastoral Operária de 1979 a 1990. Sua ação obteve notoriedade nacional durante a década de 70, nos anos da ditadura militar, quando apoiou publicamente o incipiente movimento sindical, apoiou as greves do setor metalúrgico e abriu as igrejas para as organizações sindicais, cuja existência o governo negava. Em 1980, foi eleito para

o Sínodo sobre a Família e, em 1997, para a Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América.

D. Geraldo Majella Agnelo é arcebispo primaz do Brasil. Em Salvador, substituiu o cardeal d. Lucas Moreira Neves, nomeado Prefeito da Congregação para os Bispos. Entre 1978 e 1982, foi bispo da diocese de Toledo (PR), e depois nomeado por João Paulo II arcebispo de Londrina, PR. Desde 1991, era secretário da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. À frente da Arquidiocese de Salvador, para a qual veio em 1999, concentrou atenções no tratamento do sincretismo religioso, típico da Bahia, e no crescimento das seitas neo-pentecostais.

Liturgistas em assembléia

Vitória, ES, 2/2. Cerca de 70 pessoas, entre leigos, religiosos, presbíteros, um pastor metodista e alguns bispos, reuniram-se, de 29/1 a 2/2, no Centro de Treinamento d. João Batista, em Vitória, ES, para aprofundar o tema: "A Presidência Litúrgica em suas Várias Dimensões". Havia também entre os membros associados, convidados, assessores e colaboradores, provenientes de

vários estados do Brasil e de alguns países de língua espanhola (México, Colômbia e Equador). Estavam representadas as entidades Sociedad Mexicana de Liturgistas, Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Com a ajuda dos assessores: frei José Ariovaldo da Silva, pe. Gregório Lutz e frei Alberto Beckhauser, foi aprofundado o tema da "Presidência Litúrgica", sob os pontos de vista bíblico, teológico e místico. O encontro foi encerrado, confiando-se os participantes à mãe de Deus, que é venerada naquela região, sob o título de Nossa Senhora da Penha.

Encontro católico-judeu



Foto: Aíde

São Paulo, SP 7/2. A Fundação Memória do Holocausto está organizando o 1.º Encontro Juvenil Católico-judeu Latino-americano sobre a Shoá (Holocausto), que se realizará em

Buenos Aires, Argentina, em abril. O encontro envolverá cerca de 150 jovens católicos e judeus entre 17 e 25 anos, com capacidade de liderança, provenientes de diferentes países latino-americanos. A motivação para aquele evento vem do fato de que existe uma cultura em progresso do diálogo na Argentina, Uruguai, Chile e Brasil que deve ser estendida a todo o continente latino-americano. Já os jovens querem conhecer e aprender a Shoá para assim construir um mundo melhor, livre de preconceitos e ódios de qualquer tipo, que evitem atos de discriminação e futuros genocídios.

Congresso de Comunicação

Curitiba, PR, 1º/2. De 19 a 29 de janeiro, realizou-se em Curitiba, PR, o Congresso Latino-Americano de Comunicação (Conlacom), promovido pela Organização Católica Internacional de Cinema (OCIC), União Católica Latino-Americana de Imprensa (UCLAP) e pela União de Rádio e Televisão Católica (UNDA). O Congresso reuniu comunicadores do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Costa Rica e México.



San Salvador

San Salvador, El Salvador, 1º/2. A arquidiocese de San Salvador colocou na Internet o serviço de distribuição de ajudas às populações afetadas pelo terremoto que flagelou aquele país. Com o lema de São Paulo “faça-me um lugar em seu coração”, www.arzsansalvador.org informa sobre a devastação provocada pelo terremoto do dia 13 de janeiro. Apresenta, ainda, reportagens sobre os serviços prestados em favor das vítimas e oferece a possibilidade de contato com aquela arquidiocese. Na mensagem enviada por meio da página web, o arcebispo de San Salvador, Fernando Sáenz Lacalle diz: “o que estamos vivendo, constitui para nós uma preciosa oportunidade de viver a conversão até a mais autêntica expressão da caridade mediante a solidariedade fraterna. “Em verdade vos digo que quanto fizerem a um destes meus irmãos menores, a mim estais fazendo”. Assim em comunhão com o papa João Paulo II, quero unir-me ao apelo à comunidade internacional para dizer-lhe nestes momentos tão difíceis de nossa vida salvadorenha: ‘façanos um lugar em seu coração’ e ajude-nos a levar a carga que hoje pesa

sobre nós”. É possível também entrar em contato com a arquidiocese de San Salvador por meio de: terremoto@arzsalsalvador.org

Unidade dos cristãos

Brasília, DF, 7/2. O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) publica anualmente subsídios para a celebração da Semana de Oração pela unidade dos cristãos que, em nosso país, é celebrada na semana que antecede Pentecostes. Neste ano, a Semana de Oração será de 27 de maio a 3 de junho. O tema será “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,1-6). O livreto com orientações para aquela semana, pelo preço de R\$1,20, já está disponível. Pode ser solicitado à Secretaria Executiva do CONIC - fone/fax: (61) 321-4034. E-mail: conic.brasil@zaz.com.br

Margarida de Prata

Brasília, DF, 8/2. O filme “O chamado de Deus” de José Joffily foi premiado com o Margarida de Prata do ano passado. Visite o site: www.ochamadodedeus.com.br para obter mais informações acerca dessa película e de seu autor.

4. **A IGREJA NO MUNDO**
Notícias 
6. **PALAVRA DO PAPA**
Futuro digno do homem
7. **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**
A fraternidade e as drogas
Vida sim, drogas não!
9. **FÉ E CIDADANIA**
Drogas
Campanha da Fraternidade 2001
J. B. Libânio
11. **A tortura**
Frei Betto
12. **Televisão sem som**
Pe. Zezinho 
13. **Transgênicos**
Hermes Rodrigues Nery
15. **Adolescentes construindo a paz**
Francisco Gomes de Matos
17. **LÍNGUA DA NOSSA GENTE**
Ymyrapytã: 500 anos!
Elias Leite 
18. **PARA REZAR BEM OS SALMOS**
Visão profética dos sofrimentos do Servo do Senhor
José Fonzar
20. **HISTÓRIA DA IGREJA**
A Igreja no Brasil nos séculos XVII e XVIII
Ronaldo Mazula
22. **SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ**
São Casimiro e Santa Luísa de Marillac
Ronaldo Mazula
24. **MEU LAR**
Crenças que falam
Wimer Botura Jr. 
25. **CULINÁRIA**
Yvone Barros Oliveira
26. **ALCOOLISMO**
Dependência da bebida
Sônia Manelli
27. **MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR**
Senhora da Consolação
Roque Vicente Beraldi 
28. **REFLEXÃO BÍBLICA**
Evolução do pensamento cristológico de Paulo
Geraldo Araújo Lima
31. **LITURGIA DA PALAVRA**
De 1.º a 22 de abril de 2001
Adelino Dias Coelho
36. **RELENDO A BÍBLIA**
Norma Termignoni 
37. **TURMA DA MAÍRA**
Tina Glória

Futuro digno do homem

Em 24 de janeiro, o papa João Paulo II proferiu sua habitual alocução das audiências gerais das quartas-feiras, da qual extraímos alguns trechos principais:

Se dirigirmos um olhar sobre o mundo e sua história, à primeira impressão parece dominar o estandarte da guerra, da violência, da opressão, da injustiça, da degradação moral. Parece-nos, como na visão do capítulo 6 do Apocalipse, que nas planícies desoladas da terra correm os



Fotos: arquivo

cavaleiros que ora levam a coroa do poder triunfador, ora a espada da violência, ora a balança da pobreza e da fome, ora a foice afiada da morte (6,1-8).

Perante as tragédias da história e a imoralidade que se alastra, é espon-

tâneo repetir a pergunta que o profeta Jeremias dirige a Deus, dando voz a numerosos sofredores e oprimidos: *Sois sumamente justo, Senhor, para que eu me lamente contra vós. Entretanto desejaria debater convosco um ponto de justiça: por que alcançam sucesso os maus em tudo o que empreendem? Por que razão vivem tranquilos os perversos na sua malvadez?* (12,1). À diferença de Moisés, que do alto do monte Nebo contempla a terra prometida, debruçamo-nos sobre um mundo atormentado, no qual o reino de Deus tem dificuldade em encontrar caminho.

Santo Irineu, no século II, descobria uma explicação na liberdade do homem que, em vez de seguir o projeto divino de convivência pacífica, dilacera as relações com Deus, com o homem e com o mundo... Por conseguinte, é necessário um esforço contínuo de conversão que endireite o rumo da humanidade, para que escolha livremente seguir a "arte de Deus", ou seja, o seu desígnio de paz e de amor, de verdade e de justiça...

Com a fé, o Espírito põe no coração do homem também a semente da esperança. Com efeito, a fé é, como diz a Carta aos Hebreus, *fundamento das coisas que*

se esperam e uma demonstração das que não se vêem (11,1). Num horizonte muitas vezes marcado pelo desconforto, pessimismo, opções de morte, apatia e superficialidade, o cristão deve abrir-se à esperança que

brota da fé. Isto é representado na passagem evangélica do turbilhão de vento que se abateu sobre o lago: *Mestre, Mestre, nós perecemos!* gritam os discípulos. E Cristo pergunta-lhes: *Onde está a vossa fé?* (Lc 8,24-25). Com a fé em Cristo e no reino de Deus nunca perecemos e a esperança da bonança aparece no horizonte. Também para um futuro digno do homem é necessário fazer florescer a fé laboriosa que gera a esperança...

O amor pela humanidade, pelo seu bem-estar material e espiritual, por um progresso autêntico, deve animar todos os crentes. Cada ato, realizado para criar um futuro melhor, uma terra mais habitável e uma sociedade mais fraterna, participa, mesmo se de maneira indireta, na edificação do reino de Deus. Precisamente na perspectiva deste Reino, o homem, o homem vivo, constitui o primeiro e fundamental caminho da Igreja.

Por este caminho somos chamados, em primeiro lugar, a libertar-nos do receio do futuro. Muitas vezes ele atormenta as jovens gerações, conduzindo-as por reação, à indiferença, à demissão em relação aos compromissos da vida, à degradação de si na droga, na violência e na apatia. É preciso, depois, fazer emergir a alegria por cada criança que nasce, para que seja acolhida com amor e lhe seja preparada a possibilidade de crescer no corpo e no espírito. Desta forma, colabora-se na própria obra de Cristo, que definiu da seguinte forma a sua missão: *Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância* (Jo 10,10)".

João Paulo II

A fraternidade e as drogas

**Vida sim,
drogas não!**

A partir da revista de fevereiro, começamos a publicar os principais trechos do texto-base da Campanha da Fraternidade 2001. Continuamos com sua publicação, para propiciar aos leitores um conhecimento mais amplo de sua proposta.

Como nos anos anteriores, há diferentes subsídios para a Campanha: Texto-base, manual, CD e fita cassete, cartaz, folhetos diversos. O Texto-base aqui apresentado é a peça principal porque dá a fundamentação do tema. Sua finalidade é fornecer o conteúdo básico a ser veiculado ao longo da Campanha e depois dela, embasando a reflexão, a oração e as iniciativas. Como é óbvio, a proposta da CF se liga a uma postura mais pastoral do que técnica, mais didática do que científica. O que se pretende é questionar, suscitar debates, provocar atitudes. Como se trata de Texto-base, há necessidade de ser permanentemente atualizado e,



sobretudo, lido à luz de novas situações e das diversas realidades locais.

A primeira parte deste texto (VER) traz uma visão global do problema das drogas, que desfaz sonhos de muitas famílias; para isso, situa o complexo sistema das drogas no contexto social, econômico e político. Na segunda parte (JULGAR), o texto busca na ética, no olhar de Deus e no ensino da Igreja a luz que ilumine a prática transformadora dessa situação. A última parte (AGIR) aponta princípios para a ação, exemplificando com experiências concretas de prevenção, intervenção, tratamento e reinserção social das vítimas de drogas.

Esclarecimentos prévios

A Igreja quer ver a realidade com o olhar amoroso que reconhece no outro a imagem e semelhança de Deus, e assim deixar-se interpelar pela condição humana com suas alegrias e sofrimentos, desejos e frustrações, realizações e fracassos. Esse olhar nos convoca a atitudes fraternas que se expressam tanto no cuidado pessoal (ver no dependente de drogas uma vítima a ser socorrida, sem prejudicá-lo), quanto na atuação social e política sobre as estruturas de pecado que sustentam o sistema das drogas.

O problema das drogas no mundo atual é complexo e polêmico. Complexo, porque só se pode falar de drogas no plural e porque o problema reside menos nas drogas enquan-



to substâncias entorpecentes do que em seu uso, suas conseqüências e no sistema que as sustenta. Polêmico, porque são muitos os diagnósticos e, freqüentemente, as propostas para uma política antidrogas conflitantes entre si. A análise aqui apresentada mais aponta temas para estudo e reflexão do que conclusões definitivas. Para abordar o tema, trouxemos a contribuição de diferentes disciplinas, cujo enfoque é relevante para a pastoral. Para que este texto-base possa fornecer uma orientação segura a quem o consulte, evitamos endossar teses polêmicas ou que não estejam respaldadas por instituições reconhecidas pela comunidade científica.

Recorremos a muitas pessoas peritas no assunto, dentro e fora das instituições católicas. Gratuita e voluntariamente, elas contribuíram com suas críticas e sugestões, prestando sua colaboração por conhecerem a gravidade do problema e por confiarem no papel educativo das Igrejas cristãs. Expressando aqui nosso agradecimento a esses colaboradores

anônimos, queremos dizer-lhes que a CNBB espera corresponder à sua confiança, promovendo, nesta Campanha da Fraternidade, uma nova consciência social. Ao fazê-lo, ela estará cumprindo sua missão evangelizadora, que, neste novo milênio, convoca todas as pessoas de boa-vontade a construir um mundo de justiça e de paz, livre dos males das drogas.

No que diz respeito ao termo "droga", convém desde já assinalar sua ambigüidade. Embora deva-se incluir en-

Sonhos e pesadelos

Quem de nós não sonha? E sonhamos durante o sono e melhor ainda quando acordados. Faz parte da natureza humana ter utopias, alimentar esperanças e costurar sonhos que permitam descortinar horizontes novos onde reine o amor, a felicidade, a paz, o equilíbrio ecológico. Os sonhos ajudam a transformar a realidade em que vivemos, animando nossos projetos, planos e esforços para sua rea-

mem e a mulher, Deus viu que tudo era bom (Gn 1,31). O Apocalipse fala da recriação de *um novo céu e uma nova terra* (Ap 21, 1). É o nosso grande sonho: a fraternidade cósmica, incluindo toda a criação numa nova, complexa e bela harmonia.

Mas quantas vezes nossos sonhos se tornam pesadelos? Sonhos povoados por monstros ao invés de criaturas normais, sonhos nos quais pessoas queridas assumem atitude agressiva, sonhos onde a ordem natural das coisas é subvertida, ficando a pessoa dominada pela sensação de impotência, incapaz de reagir a essas ameaças que fogem ao seu controle e à sua compreensão. O pesadelo é a experiência subjetiva do caos, quando a harmonia é rompida pelo ruído que impede a comunicação.

Essa imagem do sonho/pesadelo pode ajudar a entender por que o problema das drogas tem hoje uma nova face. Desde tempos imemoriais o ser humano tem usado substâncias entorpecentes ou estupefacientes com várias finalidades. Como artifícios para lidar com o próprio corpo (contra a insônia, a depressão ou a dor, por exemplo), favorecer a sociabilidade (o álcool para desinibir os convidados no início da festa), ou propiciar experiências religiosas (a ayahuasca usada por certos povos amazônicos). Em alguns casos, elas ajudam a realizar sonhos legítimos, sendo seus efeitos nocivos atenuados pela delimitação imposta pelo procedimento médico, pelo controle social ou pelo ritual. Quando, ao contrário, as drogas tornam-se acessíveis a qualquer pessoa (inclusive crianças e adoles-



tre as drogas tanto as substâncias "leves" quanto as "pesadas", as legais e as proibidas por lei, o uso corrente associou a palavra àquelas que são objeto de tráfico ilegal. Ao falarmos de drogas, no plural e sem especificação, queremos nos referir às substâncias capazes de provocar alterações da percepção, do humor e das sensações. Incluam-se, portanto, entre as drogas também o álcool, o tabaco, certos produtos naturais (ex.: cogumelos), inalantes (ex.: cola, éter) e vários medicamentos (ex.: anfetaminas, morfina).

lização. No mais profundo de nós está esse impulso que busca uma vida plena, prazerosa, marcada pelo afeto e pelo cuidado mútuo.

Esses sonhos estão em nós porque fomos criados para viver em comunhão. A vida bem vivida nada tem de monotonia, ela é música, melodia, uma festa sem fim, sintonia entre diferentes que se equilibram na harmonia e fazem dela uma obra de arte. Harmonia consigo mesma, com as outras pessoas, com a natureza e com Deus. Ao criar a terra e depois o ho-



Fotos: arquivo



centes), rompe-se o equilíbrio do consumo socialmente controlado, e os danos aumentam e podem ser mortíferos. Nesse caso, as drogas não ajudam a realizar sonhos; antes, transformam a vida em pesadelo. É o que está acontecendo hoje, devido à transformação das drogas em mercadorias disponíveis a qualquer um e impostas por pessoas de interesses espúrios.

A realidade das drogas abala muitos sonhos, transformando-os em pesadelos. O fumo, o álcool, os estimulantes, os tóxicos e entorpecentes estão mais perto de nós do que por vezes suspeitamos ou queremos admitir. Há um enorme exército de produtores, agentes financeiros e traficantes comandando o mundo das drogas. É muito dinheiro em jogo. É mui-



ta vida desperdiçada. De nada adianta fugir da realidade. Ao contrário, devemos encará-la de frente para conhecer o drama das drogas em toda sua complexidade e assim nos colocarmos em posição adequada para enfrentá-lo e superá-lo. (Continua).



Drogas

Religião e Fraternidade conduzem para longe das drogas

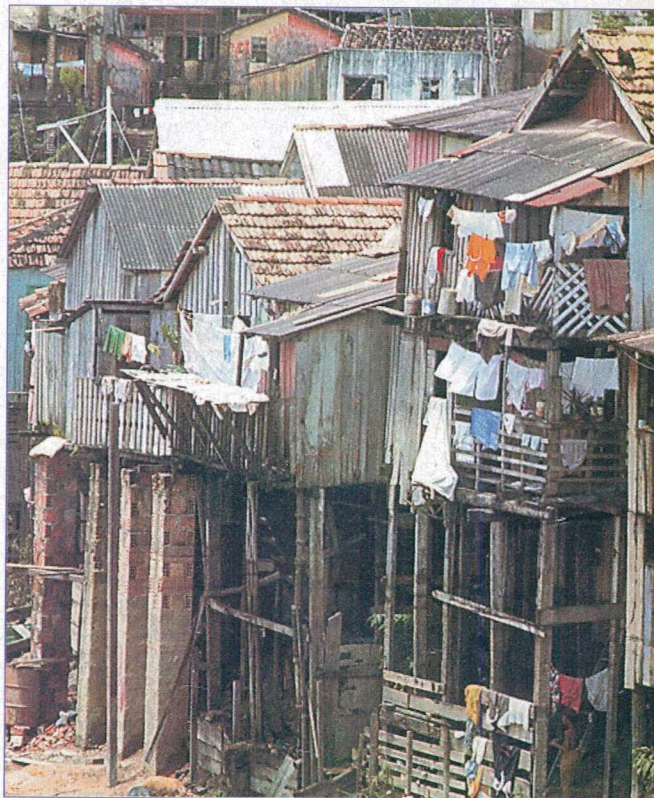
J. B. Libânio

Tema atual e explosivo. Sua gravidade pede uma reflexão conjunta da sociedade com suas forças vivas e responsáveis. A Igreja sente-se chamada a trazer sua contribuição.

A complexidade do problema dificulta até o início da reflexão. Se se pensa nos bilhões de dólares que o comércio ilícito da droga movimenta no mundo não é de estranhar-se a relutância em resolvê-lo. Se está em jogo tanta riqueza, significa que muito poder está envolvido. São também milhões de pessoas que a droga mobiliza desde membros de governos até os distribuidores mirins das favelas.

Nesse campo do poder, a maior dificuldade vem do envolvimento cúmplice dos próprios órgãos incumbidos de sua repressão – as polícias – com o próprio tráfico. É a fábula da raposa tomando conta do galinheiro. Difícil aproximar-se de tanto dinheiro e conservar-se puro. A corrupção campeia por todos os lados. Já está aí uma dificuldade gigantesca para resolver esse problema.

Tanto mais sedutora se torna o ganho de dinheiro fácil com a droga quanto mais aviltantes são os salários dos trabalhadores do país. Quem se sente estimulado a trabalhar hones-



tamente por um salário mínimo bem abaixo dos 100 dólares, se numa rápida jogada no mundo da droga ganha milhões? É uma loteria esportiva à mão. Supõe muito senso ético reagir contra as seduções do dinheiro abundante que rola no universo das pessoas envolvidas com o tráfico.

Olhando do lado do usuário, a questão é totalmente outra. O mais importante é perguntar-se: o que leva alguém a envolver-se com o uso da droga? De novo, os prismas de análise são múltiplos. O psicólogo vasculha a estrutura psíquica do drogado e desvenda-nos carências, rejeições inconscientes que buscam compen-



Foto: arquivo

sação na droga. O sociólogo descobre nas relações sociais vigentes, no tipo de enturmamento da juventude, na desestruturação das famílias, no fracasso dos agentes de socialização as principais causas explicativas. O filósofo vai mais fundo. Tenta analisar o tipo de cultura que se está gestando nesses tempos de pós-modernidade, produzindo um vazio, um tédio que dispõem as pessoas para a droga. O teólogo vai ainda mais longe e denuncia a estrutura de pecado que se cristaliza na atual sociedade, no coração das pessoas. Aqui vou tocar somente num aspecto teológico.

Com certa ironia, ao falar do movimento carismático cristão, alguém escrevia: "O Espírito Santo – a última droga!" Sem incorrer em alguma blasfêmia, o autor queria dizer algo correto sob um duplo aspecto. A falta de Espírito Santo se preenche com drogas. Quando ele ocupa o coração das pessoas, a droga muito perde da sua força de atração.

É sabido que a renovação carismática teve como um de seus fatores propulsores a tentativa de contrapor-

se à presença da droga no meio universitário americano. Então, levanta-se a pergunta: Por que uma experiência religiosa profunda diminui a força atrativa da droga? Há alguma analogia estrutural entre essas duas experiências? E em que consiste esta possível aproximação por antítese?

Um período cor-de-rosa acompanha o início da experiência da droga, produzindo imensa euforia. "Nunca me senti tão em forma" descreve Christiane, em seu famoso livro autobiográfico. Parece que se tem a felicida-

de à disposição. É esta sensação de superabundante gozo, prazer, felicidade momentâneos que lentamente vai prendendo o usuário à droga.

A experiência espiritual carismática tem efeitos semelhantes, embora a causa seja totalmente outra. Uma presença profunda do Espírito gera paz enorme, felicidade presente, alegria e gozo. Por isso, quem a experimenta mais facilmente consegue afastar-se do uso da droga. Saboreou algo mais profundo e já não se sente atraído pela felicidade química.

Quem, por sua vez, é obtuso espiritualmente, fica mais exposto à sedução do prazer da droga. Não tem em si nenhuma experiência espiritual que possa ser parâmetro de referência e deixa-se logo embalar pelo prazer imediato produzido pelas drogas. Há, pois, uma terapia preventiva e curativa a partir do cultivo de experiências espirituais do Espírito. O Espírito Santo não é nenhuma droga, mas excelente resposta às carências que levam facilmente às drogas.

J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS



UM CONVITE
"Vem e segue-me".

UM CAMINHO

Seguindo as pegadas do Mestre.



UM GUIA
Jesus Cristo.
Ao estilo de Claret.



UM IDEAL
Ser claretiano.

Missionários Claretianos



Se você estiver em um destes Estados, escreva para:

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul:
Pe. Ivo Rogério da Silva
Centro Claretiano de Formação Missionária "Padre Clotet"
Cx. Postal, 412, CEP 85501-970, Pato Branco, PR
Tel. (0__46) 224-2129 clotet@witeduck.com.br

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal:
Pe. Márcio Silva Souza
Secretariado Vocacional Claretiano
Cx. Postal, 1438
CEP 30160-01 Belo Horizonte, MG
Tel. (0__31) 222-3154 curiabc@digitus.com.br

São Paulo, Mato Grosso, Nordeste e outras regiões:
Pe. Janivaldo Alves dos Santos
Secretariado Vocacional Claretiano
Cx. Postal, 1205, CEP 01059-970 São Paulo, SP
Tel. (0__11) 9978-3893
janivald@netpoint.com.br
www.cmf.br/vocacional

A tortura

Frei Betto

Na quinta-feira, três policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para a sala de interrogatórios. Um capitão, cercado por sua equipe, voltou às mesmas perguntas: "Vai ter que falar senão só sai morto daqui!"; gritou. Logo vi que isso não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza.

Sentaram-me na cadeira-dragão, com chapas metálicas e fios, descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos, e um na orelha esquerda. A cada descarga, eu estremecia todo, como se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choques passaram-me ao pau-de-arara. Mais choques, pauladas no peito e nas pernas, que cada vez mais se curvavam para aliviar a dor. Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me a outra sala, dizendo que passariam a descarga elétrica para 220 volts, a fim de que eu falasse "antes de morrer". Não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, bateram em minhas mãos com palmatórias. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não poder fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais; tudo parecia massacrado.

Foto: Arquivo

Mesmo que quisesse, não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isso durou até as dez da manhã, quando chegou o capitão Albernaz" (*Batismo de Sangue*, ed. Casa Amarela, p. 260).

O trecho acima é uma amostra do relato de torturas sofridas por Frei Tito de Alencar Lima, em 1969, nas dependências do Doi-Codi de São Paulo, onde mais tarde Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho seriam "suicidados". Enlouquecido pelas agressões, o frade dominicano veio a falecer em 1974.

"A tortura deixou de existir para sempre", escreveu Victor Hugo em 1874. Infelizmente o autor de *Les Misérables* equivocou-se. Nem a tortura nem os que ousam tentar justificá-la desapareceram. Segundo a Anistia Internacional, a tortura é aplicada ou tolerada por governos de pelo menos 60 países, entre os quais o Brasil.

"O projeto da tortura implica uma negação total — e totalitária — da pessoa, enquanto ser encarnado. O centro da pessoa é a liberdade. Na tortura, o discurso que o torturador busca extrair do torturado é a negação absoluta e radical de sua condição de sujeito livre" (Hélio Pellegrino, *Folha de S. Paulo*, 5/6/82).

Hélio Pellegrino frisou que "a tortura busca, à custa do sofrimento corporal insuportável, introduzir uma cunha que leve à cisão entre o corpo e a mente. E, mais do que isto: ela procura, a todo preço, semear a discórdia e a guerra entre o corpo e a mente... O projeto da tortura implica uma negação total — e totalitária — da pessoa, enquanto ser encarnado. O centro da pessoa é a liberdade. Na tortura, o discurso que o torturador busca extrair do torturado é a negação absoluta e radical de sua condição de sujeito livre" (*Folha de S. Paulo*, 5/6/82).

O Antigo Testamento defende os escravos das arbitrariedades: "Se alguém ferir o seu escravo ou a sua serva com uma vara, e o ferido morrer debaixo de sua mão, será punido" (Ex 21,20). São Paulo chega a apelar

Pintura de David Alfaro Siqueiros, A nova democracia (detalhe), 1944-1945, Palácio das Belas Artes, Cidade do México.



à sua cidadania romana para livrar-se das sevícias (At 22,24). Tertuliano, no século II, exorta os soldados convertidos à fé cristã a evitarem torturas (*De Corona*). Lactâncio, no século IV, em sua *Divinae Institutiones*, condena a tortura "por ser contra o direito humano e contra qualquer bem".

Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, repudia a sua aplicação por tratar-se de pena imposta a quem ainda não se sabe se é culpado. No entanto, a Inquisição tentou sacramentar a tortura. "Tortura-se o acusado, com o fim de o fazer confessar os seus crimes", reza o *Manual dos Inquisidores*, de Nicolau Emérico. São Tomás de Aquino, porém, considerou a tortura delito mais grave que o homicídio, pois aquela convoca a vítima a ser testemunha de seu opróbrio.

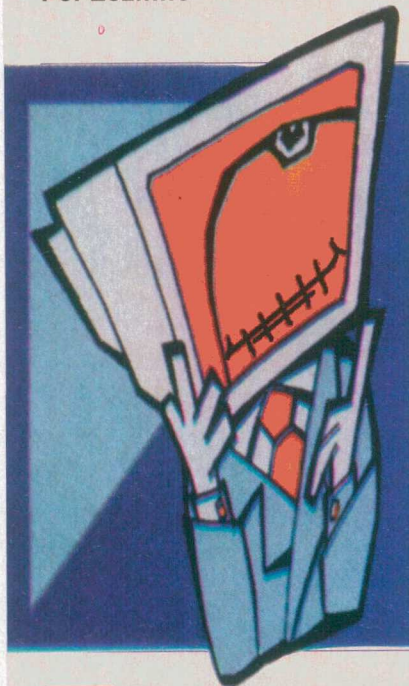
A condição de filósofo não impediu Heidegger de apoiar o nazismo, nem a de papa evitou que fossem a favor da tortura Inocêncio I (séc. V), Inocêncio IV (séc. XIII) e todos os teólogos que abençoaram a Inquisição.

Sob o regime militar, nenhum agente do Estado, pago pelo contribuinte para defender e encarnar as leis, tinha o direito de torturar, assassinar e fazer desaparecer pessoas. São crimes hediondos. No entanto, enquanto a Argentina mandou para a cadeia os militares responsáveis pela ditadura, e agora o Chile dá-nos um exemplo de cidadania e democracia, apurando os crimes praticados em nome do combate ao terrorismo, sem poupar o general Pinochet, aqui uma lei de anistia que envergonha os princípios do Direito assegura impunidade aos torturadores e ainda enseja articulistas a considerações "filosóficas" sobre a única matéria que a memória se recusa a esquecer: a dor humana.

Frei Betto é escritor, autor de Batismo de Sangue, ed. Casa Amarela, São Paulo, SP.

Televisão sem som

Pe. Zezinho



Esses dias, fizemos uma experiência bastante interessante. Eu e alguns amigos. Experimentamos ficar dez minutos diante da televisão sem nenhum som.

Observamos o rosto, o movimentar-se das pessoas e toda a profusão de imagens que a televisão cria.

Sem som nenhum, tivemos mais tempo de prestar a atenção na imagem. É uma experiência altamente pedagógica, porque então a gente vê o sorriso, o olhar, o abraço, a mão na mão, o acolcho, o entusiasmo, o sonho, a ilusão, a lágrima, os corpos que se mexem, ação e mais ação, tudo isso junto à profusão de cores e imagem que

gera imagem e sucede imagem. Estamos, sem dúvida na era das imagens.

Não nos damos conta, mas é pelos nossos olhos que entram a maioria dos valores e também a maioria das tentações do nosso mundo moderno. Duas horas de televisão sem som por semana seriam uma ótima experiência educacional para todos nós que, tendo que viver na era da imagem, não percebemos o poder de sedução das imagens geradas pela televisão.

Estamos na era do visual. Somos todos fisgados pelos olhos e muitas vezes acabamos prisioneiros do que vemos. O feitiço entra pelo tubo mágico.

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.



Transgênicos

Hermes Rodrigues Nery

***“O que será de Deus depois que o Projeto Genoma estiver concluído?”
Indagam pessoas do mundo inteiro. O homem brinca hoje de ser Deus,
quando está perto de clonar a criatura humana.***

Os transgênicos estão na ordem do dia. Na Europa e nos Estados Unidos é pauta de discussão entre governos e organizações da sociedade civil. De um lado, estão as empresas (como a Monsanto, a Novartis, a Agrevo e, aqui no Brasil, a Embrapa) que, há anos, estão investindo muito dinheiro na pesquisa e cultivo dos organismos engenheirados, e agora querem ver o retorno financeiro. Por outro lado, estão as ONGs, as entidades ambientais, as associações em defesa do consumidor, os intelectuais e profissionais liberais, estudiosos, donas de casa, enfim, a população que começa a perceber que esta novidade pode ser uma ameaça real à saúde e ao meio-ambiente.

Os entusiastas dizem que ninguém poderá deter o avanço da ciência, afirmam que a biotecnologia irá garantir maior produtividade de alimentos e qualidade dos produtos comestíveis, beneficiando assim uma população mundial que alcançou, recentemente, o número de 6 bilhões de habitantes. Os críticos pedem prudência e exigem que sejam assegurados os direitos à informação e, principalmente, a preservação da saúde e do meio-ambiente. O problema é saber se esses alimentos geneticamente modificados não poderão ser a causa para a proliferação de novas alergias, vírus e até mesmo doenças fatais, como o câncer. O bom senso diz que toda cautela é pouca, nesse

campo novo do conhecimento humano. No momento, é necessário buscar aprofundar-se sobre a questão, para que não se venha amanhã a se arrepender de negligências, onde os próprios cientistas reconhecem que os efeitos nocivos às espécies vivas do planeta poderão ser irreversíveis.

Os organismos transgênicos são plantas e animais que receberam, através de técnicas artificiais, genes transplantados, sofrendo assim alterações em sua estrutura, forma e funções originais. Com a nova informação genética, o organismo adulterado

Sob o aspecto ético, muitos vêm nesta iniciativa, uma agressão à natureza, por mexer em estruturas de organismos vivos, que levaram milhões de anos para chegar àquele “ponto” que garante o pleno funcionamento das funções vitais desses organismos.

passa a gerar substâncias que jamais seriam produzidas no estado natural.

Cartilhas de conscientização, em linguagem simples e direta, estão surgindo em toda a parte do país, como a do CREA-RJ, elaborada pelo engenheiro agrônomo Sebastião Pinheiro, consultor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a do IDEC (Insti-

tuto Brasileiro em Defesa do Consumidor) e do Greenpeace, entre outras. Cada cartilha dá importantes dicas de como se prevenir e ficar atento em relação aos problemas relacionados a esta questão.

Transgenia de alimentos, clonagem de mamíferos e Projeto Genoma serão as três grandes questões da primeira metade do século XXI. Tais empreendimentos, por mais fantásticos que sejam, vêm assustando os próprios cientistas, que não sabem até onde chegarão com tantas novas descobertas e o poder que obterão

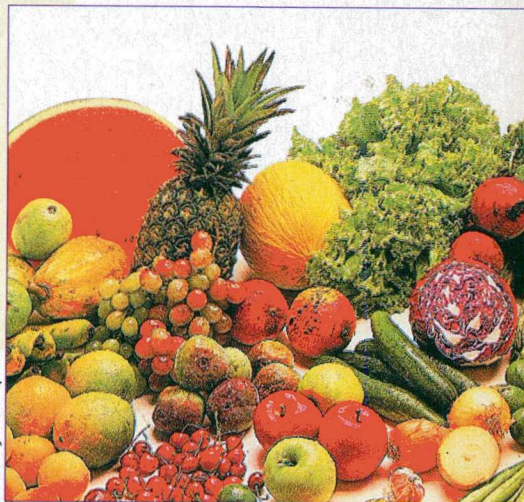


Ilustração: arquivo

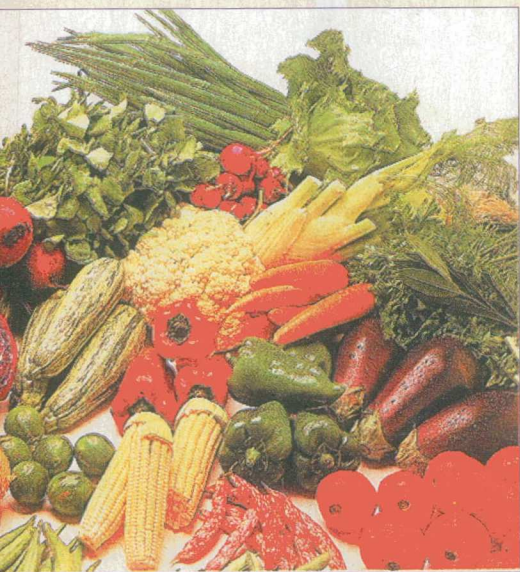
com conhecimentos tão sofisticados.

Sob o aspecto ético, muitos vêm nesta iniciativa, uma agressão à natureza, por mexer em estruturas de organismos vivos, que levaram milhões de anos para chegar àquele “ponto” que garante o pleno funcionamento das funções vitais desses organismos. Erros fatais nestes experi-

mentos poderão provocar um descontrolo, com risco de comprometer o futuro da humanidade. E é aí que a discussão entra num outro campo, mais complexo ainda: no da bioética.

Dentre muitas motivações que fascinam os pesquisadores neste esforço de decifrar o código da vida está o da auto-divinização.

"O que será de Deus depois que o Projeto Genoma estiver concluído?" Inagam pessoas do mundo inteiro. O homem brinca hoje de ser Deus, quando está perto de clonar a criatura humana. Ambiciona um paraíso sem jardim, apenas cidades metálicas, com edifícios ver-



ticais, prédios de vidro fumê, na lógica reducionista desumana do pragmatismo utilitário. Querem chegar ao paraíso artificial, voltando as costas à natureza, degradando-a, poluindo tudo, destruindo ecossistemas, humilhando a humanidade e reduzindo-a a uma condição de objeto e não sujeito da história.

O panorama da perversidade assusta pelo potencial destruidor. Em sua última encíclica, *Fides et Ratio*, o papa João Paulo II manifestou também esta apreensão. "O homem de hoje — diz o pontífice — parece estar sempre ameaçado por aquilo mesmo que produz ou seja, pelo resultado do

trabalho da sua inteligência e das tendências da sua vontade (...) Tais frutos voltam-se contra o próprio homem. Eles são de fato dirigidos, ou podem sê-lo, contra o homem". E completa: "O homem vive mergulhado cada vez mais no medo. Teme que os seus produtos, naturalmente não todos nem a maior parte, mas alguns e precisamente aqueles que encerram uma especial porção de sua genialidade e da sua iniciativa, possam ser voltados de maneira radical contra si mesmo".

Hoje, diante da engenharia genética, é consenso dos mais sérios pesquisadores de que é preciso haver um limite. Nicholas Rescher, em *Os limites da Ciência* (1984), desconfia da "suposta plenitude da ciência". Roger Shattuck, em sua obra clássica *Conhecimento Proibido*, reconhece que "é necessário que algo estabeleça o limite". Não se trata de rejeitar o conhecimento e negar a tecnologia, mas de impor limites à *libido sciendi* (libido do saber), para que a dádiva do conhecimento não se torne asfixia de potencialidades.

A manipulação de genes é vista por muitos como a mais perversa forma de poder, um grau intenso de violência, que atinge a dignidade da vida, em todos os seus aspectos valorativos. E o mais grave é que a manipulação de genes, a começar pela transgenia de alimentos, pode provocar não somente reações físicas, mas também psicológicas nos indivíduos. As distorções dessa natureza, poderão ter implicações inimagináveis no comportamento das pessoas, em função da alta toxicidade decorrente das alterações ocorridas na estrutura dos organismos vivos.

Os transgênicos abrem, assim, no Brasil, o grande debate ético sobre a aplicação da ciência e das tecnologias nas coisas práticas do nosso dia-a-dia.

Hermes Rodrigues Neryé professor e jornalista.

JOVEM,

Você busca luzes para responder aos desafios da realidade do novo milênio?

Venha conhecer as

Missionárias das Fraternidades Evangelizadoras.

Este Instituto serve exclusivamente à igreja particular (diocese) e vive no modo secular de Vida Consagrada.

Informações:

Estrada do Alvarenga, 5.104, Bairro 7 Praias, São Paulo — SP.

Fone: (0_ _11) 5674-0862
Ir. Izabel ou Ir. Marilza.

ASSINANTES EM FESTA

Em Belo Horizonte, MG, *Maria do Carmo e Edson Fernando dos Santos* comemoraram Bodas de Prata 12.11.00.

Em São Carlos, SP, *Alina Andrade*, aos 22.11.00 completou 82 anos de idade e 69 como assinante desta revista.

NA PAZ DO SENHOR

Em Pirassununga, SP, *Ana Pavesi*, aos 10.09.00. Foi assinante por mais de 60 anos.

Em Rio Claro, SP, *Antônio Ferreira da Silva*, aos 25.12.99 com 84 anos foi assinante por mais de 30 anos.

Em Guariba, SP, *Ana Maria Sanches Rocca*, aos 24.10.00 com 92 anos. Foi assinante por mais de 60 anos.

Em Caeté, MG, *Heloiza Martins Ribeiro*, aos 22.01.2001.

Em Itanhandu, MG, *Maria Dorotea Barleta*, aos 22.10.00.



Adolescentes construindo a paz

Francisco Gomes de Matos

Dentre os livros que li, no final do ano passado, sobre educação para a paz, atraiu-me o volume *Peace building for Adolescents: Strategies for Educators and Community Leaders*, organizado por Linda Rennie Forcey e Ian Murray Harris e publicado em 1999 pela editora Peter Lang (New York/Berna). Os organizadores dessa coletânea são muito respeitados por sua atuação nos estudos da paz. Forcey é professora emérita da Universidade de Binghamton (New York) e Harris dirige o Programa de Estudos da Paz na Universidade de Wisconsin-Milwaukee e exerce a Secretaria Executiva da Comissão de Educação para a Paz da Associação Internacional de Pesquisas da Paz. A obra está dividida em quatro partes, cujos títulos estão traduzidos para facilitar a compreensão:

1.^a: Encarando a violência, 2.^a: Estratégias para construção da paz em sala de aula, 3.^a: Estratégias educacionais para construir-se a paz e 4.^a: A Escola e a Comunidade. Seguem-se três apêndices: A) Sugestões bibliográficas para adolescentes como construtores da paz, B) Lista de Laureados com o Prêmio Nobel da Paz e um apelo em favor da promoção de uma Cultura da Não-Violência e C) Avaliação de Institutos Intensivos sobre Não-Violência. Que problemas são abordados pelos 27 autores dos 16 capítulos da obra?

Racismo, Materialismo e Militarismo, segundo "uma visão crítica de Martin Luther King Jr., para quem esses três tipos de *ismos* constituem uma rede de obstáculos à paz". O

surgimento de programas de resolução de conflitos para conter a violência na escola; organização de currículos centrados na paz; integração de um enfoque pluricultural num currículo alfabetizatório; gerenciamento de conflito através de pesquisa; prestação de serviços à comunidade como forma de ajudar adolescentes a enfrentarem problemas, buscarem alternativas e encontrarem soluções. Ao relatar os resultados de um curso intensivo realizado na universidade de Wisconsin, campus de Milwaukee, Harris transcreve alguns depoimentos feitos por participantes adolescentes. No conjunto, esse texto pode ser considerado uma mini-Carta de Responsabilidades de Adolescentes como Pessoas Amantes e Promotoras da Paz. Eis uma síntese-tradução desse compromisso adolescente: (veja quadro abaixo).

"Cerca de 10% das escolas americanas oferecem algum tipo de programa de resolução de conflito e em metade dessas experiências, ensinam-se habilidades para uma comunicação positiva".

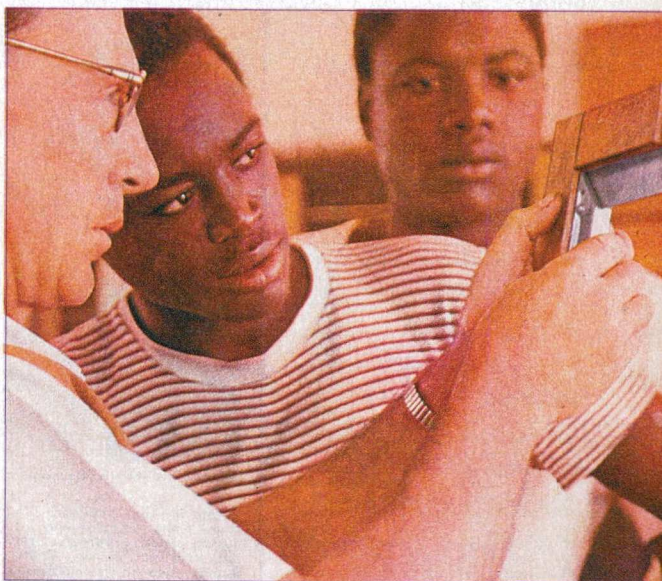


Foto: arquivo

Como uma pessoa pacífica, comprometo-me a:

- resolver todo tipo de conflito verbalmente. Para isso, serei paciente, aberto(a) e terei auto-controle.
- tratar bem todas as pessoas, respeitando-as e respeitando a mim mesmo(a).
- comunicar-me de maneira amistosa... Substituirei o falar mal, o insultar, o ofender por um falar bem a respeito do próximo.
- ajudar as pessoas a se entenderem. Atuarei como mediador(a).
- compartilhar, com outras pessoas, o que aprendi sobre a paz, a não-violência.

Dado o interesse deste articulista pela paz comunicativa (conceito-chave em nosso livro *Pedagogia da Positividade*, Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1996) esperava encontrar, no livro de Forcey e Harris, informações que pudessem me ajudar a perceber até que ponto os adolescentes no contexto americano estariam sendo educados para um comunicar-se construtivamente em sua língua materna ou em outras línguas usadas naquele país. Há, no livro, algumas menções a estratégias e habilidades de comunicação positiva, mas, como explica Harris em comunicação pessoal eletrônica: "No início da década de 70, praticava-se uma 'educação afetiva' e dava-se atenção ao ensino de habilidades comunicativas positivas à juventude americana".

Esclarece também o referido educador que "cerca de 10% das escolas americanas oferecem algum tipo de programa de resolução de conflito e em metade dessas experiências, ensinam-se habilidades para uma comunicação positiva". Reconhece, porém, o citado patriota da paz que "a grande maioria das escolas nos Estados Unidos não enfatiza o ensino do comunicar-se construtivamente tal como preconizado em sua abordagem da paz comunicativa". E conclui: "Apenas uma pequena porcentagem o faz, embora nós que atuamos no campo da educação para a paz consideremos o aprender

a comunicar-se construtivamente de grande relevância e percebamos que esse objetivo deveria ter um lugar primacial no currículo".

Com base nos comentários do colega americano, poderíamos aplicar nossa indagação ao contexto educacional brasileiro: até que ponto estará a paz comunicativa — o saber comunicar-se em português de maneira construtiva, dignificante, humanizadora — sendo objeto de atenção explícita, sistemática no ensino de primeiro e segundo graus?

Essa dimensão, que vimos cha-



Foto: Verbo Filmes

mando de "humanizadora", por estar inspirada nas tradições de Direitos Humanos e educação para paz, ainda está incipientemente trabalhada entre nós.

Ainda sobre o precioso volume de Forcey e Harris: significativamente, o educador mais citado é o sempre inspirador Paulo Freire.

Recentemente, ouvi de uma mãe, perplexa, o seguinte relato: "Meu filho (adolescente) chegou para mim sorrindo e disse que seu dia tinha sido feliz porque, pela primeira vez, tinha visto dois carros baterem, com toda

força, na frente do edifício". Como explicar essa percepção negativa da realidade, por um adolescente? Várias causas poderiam ser apontadas, dentre as quais diversas formas de violência apresentadas em alguns programas da TV, filmes, videogames, etc. Se, por um lado, reconhecemos os efeitos danosos do marketing da violência, por outro, o que estaremos fazendo ou deixando de fazer para combatê-lo? Que marketing da paz, da não-violência estaremos ajudando a construir e preparando nossos filhos e netos a construírem? O livro de Forcey e Harris documenta, realistamente, de que modo a violência está sendo enfrentada, no contexto educacional americano, com a participação indispensável de líderes comunitários. Vai além: conclama a todos os co-responsáveis pela paz mundial para que trabalhem juntos em prol do direito que todo adolescente deveria ter: o direito a uma vida e a uma educação construtivas, promotora e mantenedora da paz.

Comungamos dos princípios norteadores da filosofia preconizada pelos autores, por isso, concluímos com este pensamento: Eduquemos nossos adolescentes para que aprendam a construir, a manter a paz, agindo e interagindo pacificamente. A violência vilaniza e vilifica a pessoa. Só a paz harmoniza e humaniza. Amarmos uns aos outros comunicativamente é o meio ensinado pelo Senhor, para que, responsabilmente, possamos cumprir nossa missão neste ecossistema planetário. Compartilhar precisa ser caracterizado pela construtividade, traduzida em ações que promovam igualdade, justiça e paz para todos.



Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Lingüísticos, da Univ. Federal de Pernambuco. e-mail: fcgm@cashnet.com.br

Ymyrapytã 500 anos!

Elias Leite

Continuamos a série de nomes de cidades de origem tupi, iniciada na revista de janeiro/00 em homenagem aos assinantes, que residem nessas cidades.

YMYRAPITÃ: *ybyrá:* árvore, madeira + *pytã* (pytanga): vermelha, cor de fogo ou brasa. Daí, brasil ou brasileiro.

GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO

CIDADE	NOME EM TUPI	SIGNIFICADO	MUNICÍPIO
MOJI-MIRIM (SP)	mboy'y	mboy: cobra + y: rio + mirĩ: pequeno. Rio da cobra pequeno. Mboi-y: o rio cobra, que parece cobra.	75.337 habitantes: 37.728 homens, 37.609 mulheres; da área urbana: 68.714, da área rural: 6.623 / 463 km ² .
MORUNGABA (SP)	poran'gaba	porang: bonito, belo + aba: beleza. Morungaba: o marco, o limite, o sinal, de morõ'kaba.	9.657 hab.: 4.878 h., 4.779 m.; área urb.: 7.325, rur.: 2.332 / 121 km ² .
NHANDEARA (SP)	yande'yara	nhandê (yandê): nosso + Yara: senhor.	9.958 hab.: 4.926 h., 5.032 m.; área urb.: 7.755, rur.: 2.203 / 407 km ² .
NUPORANGA (SP)	nhu'poranga	nhu: campo + poranga: bonito. Campo bonito, campos belos.	6.119 hab.: 3.128 h., 2.991 m.; área urb.: 4.925, rur.: 1.194 / 341 km ² .
PACAEMBU (SP)	paka'emby	paka: o acordado, desperto, atento a paca + yeby: o córrego, riacho. O córrego das pacas. Bairro de S. Paulo. Nome do estádio de futebol, oficialmente, Dr. Paulo Machado de Carvalho, inaugurado em 1940, pela prefeitura de SP. Conjunto poliesportivo.	11.390 hab.: 5.731 h., 5.659 m.; área urb.: 8.850, rur.: 2.540 / 333 km ² .
PARACATU (MG)	pará'catu	para (opará) o mar em geral, rio caudaloso + catu: bom, navegável, piscoso. Rio bom.	68.047 hab.: 34.462 h., 33.585 m., área urb.: 56.639, rur.: 11.418 / 7.882 km ² .
PARAGUAÇU (MG)	pará'guaçu	pará: rio caudaloso + guaçu: o grande. Nome de rios, cidades e pessoas. Paraguaçu Paulista (mun.) homenagem a Catarina Paraguaçu, esposa do Caramuru (branco-molhado) Diogo Álvares Correa.	17.817 hab.: 9.021 h.: 8.796 m., área urb.: 13.456 rur.: 4.361 / 355 km ² . Paraguaçu Paulista 37.661 hab. / 1.043 km ² .

OBSERVAÇÕES: Dos nomes locais de origem tupi, uns conservam a forma original, outros foram alterados na grafia; outros ainda, por formação inadequada e até fantasiosa, não correspondem à origem da língua e têm sua interpretação dificultada, às vezes até impossível. Como era língua só falada, a grafia ficava por conta do ouvido de quem escrevia. Fontes: IBGE (1996), Enc. Larousse Cultura (1998) e Folha de São Paulo.

Visão profética dos sofrim

SALMO 21

- 1 *Ao mestre de canto. Segundo a melodia "A Corça da Aurora". Salmo. De Davi.*
- 2 Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes, longe do meu clamor e meus gemidos?!
- 3 Meu Deus, de dia eu grito, e não respondeis! Também de noite, e não descanso!
- 4 No entanto, estais no Santuário: a vós, os louvores de Israel.
- 5 Nossos pais confiavam em vós: eles confiavam, e os livrastes.
- 6 A vós clamavam, e foram salvos. Em vós confiavam, e não foram decepcionados.
- 7 Eu sou um verme, uma caricatura de homem, vergonha da gente, desprezo de todos!
- 8 Todos os que me vêem, caçoam de mim, fazem gracejos, meneando a cabeça:
- 9 "Acreditou no Senhor: então, que ele o livre. Que o salve, se é que o ama."
- 10 Ora, fostes vós que do ventre me trouxestes e seguro me entregastes nos braços de minha mãe.
- 11 A vós eu fui entregue desde o nascimento, desde o ventre materno vós sois o meu Deus.
- 12 Não fiqueis longe de mim: perto está a angústia, e não há quem ajude!
- 13 Manada de novilhos me cercam, touros de Basã me acurralam!
- 14 Escancaram a goela contra mim, como leão esganado a rugir.
- 15 Estou-me dissolvendo como água: meus ossos todos se desconjuntam! Meu coração, tal como cera, se desfaz no meu peito.
- 16 Minha garganta está seca como telha... Minha língua, grudada ao céu da boca... Ao lodaçal da morte me atiraram!
- 17 Sim. Estou rodeado de cães. Quadrilha de malfeitores me cercam. Descarnaram minhas mãos e meus pés:
- 18 posso contar um por um os meus ossos. Eles me olham e zombam,
- 19 repartem entre si as minhas vestes e sorteiam a minha túnica.
- 20 Portanto, Senhor, não fiqueis longe! Minha divina força, vinde logo me ajudar!
- 21 Livrai-me de morrer ao fio da espada, de perder a vida na garra desses cães.
- 22 Salvai-me da garganta do leão, da força dos búfalos dai-me triunfar.
- 23 Então, em plena assembléia vos louvarei, proclamarei o vosso Nome a meus irmãos:
- 24 "Vós que honrais o Senhor, louvai-o. Descendentes todos de Jacó, aclamai-o. Reverenciái-o, descendentes todos de Israel.
- 25 Porque ele nunca desprezou nem abandonou no sofrimento um infeliz nem lhe escondeu o rosto. Ele o ouviu, quando gritou por socorro."
- 26 A vós meu louvor na grande assembléia: perante os fiéis cumprirei minhas promessas.
- 27 Os pobres se alimentarão e serão saciados, os que procuram o Senhor hão de louvá-lo: "Vivam para sempre os vossos corações!"
- 28 Do Senhor se lembrarão e a ele voltarão os rincões da terra inteira. E a ele adorarão todos os povos e nações.
- 29 Porque ao Senhor pertence a realeza e é ele que governa os povos.
- 30 Virão adorá-lo todos os grandes da terra, diante dele se prostrarão todos os mortais.
- Para ele viverá a minha alma.
- 31 Minha descendência há de servi-lo: ela falará do Senhor às gerações futuras.
- 32 E proclamará sua justiça ao povo que virá: "Eis a obra do Senhor!"

Sufrimentos do Servo do Senhor

A seguir, apenas considerações gerais

Sufrimento e confiança em Deus, da parte de alguém inocente e libertado.

Entre todas as orações bíblicas, este salmo é dos mais frequentemente citados no Novo Testamento. Mediante vigorosas imagens, representa uma das expressões mais pungentes do sofrimento humano: dor, desgosto, melancolia, deformidade, ignomínia, ultraje.

Quanta gente não sente na própria carne o sofrimento aqui expresso! Essa multidão de gente pobre ou

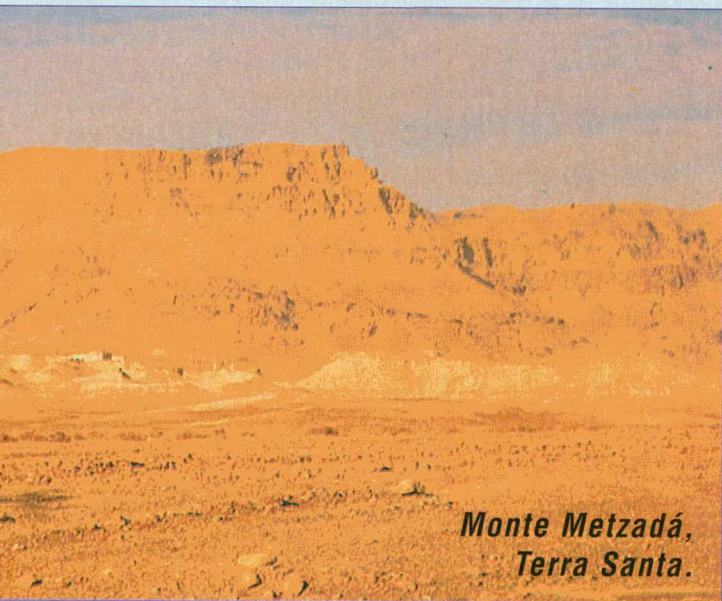


Foto: Mardiros Nalbandian

**Monte Metzadá,
Terra Santa.**

empobrecida, injustiçada, esquecida das autoridades, humilhada a mais não poder, à beira do abismo... saberá entender a intensa lamentação deste salmo.

Não obstante o peso de tantos males e de se sentir abandonado por Deus, o heróico paciente não perde a confiança na divina piedade. Não perde, porque pensa em Deus. Como ele, todos os que sofrem, não deixem de olhar para Deus, que é bondoso e tudo pode. Só olhar para a terra, para os humanos, não resolve grande coisa. O que importa é saber levantar os olhos para o Alto, a exemplo do salmista, cuja lamentação é precedida e seguida da presença de Deus.

Damos ao salmo um título abrangente. Uma pessoa piedosa, justa e fiel se vê incompreendida, doente, pisada aos pés, ridicularizada. Naquele tempo, uma pessoa particular

ou Israel vencido e cativo. Hoje em dia, três quartas partes da humanidade! Todavia, a pessoa que mais se identifica com este salmo é aquela que representou a humanidade sofredora e carregou em si todos os nossos pecados e diversos: Cristo Jesus, o servo do Senhor, o Servo de Javé maravilhosamente representado no capítulo 52 de Isaías.

Portanto, salmo de Sexta-feira Santa. De todas as sextas-feiras. De toda a quaresma. De todos os dias de tristeza. De todos os dias. De Nossa Senhora de tantas dores – pobre Mãe! – hoje premiada, coroada nossa Co-redentora, Medianeira e Advogada.

Salmo messiânico: o próprio Jesus o rezou na Cruz. Rezem-lo também nós, nos transe cruciantes da vida. (A palavra cruciante vem de cruz, assim como rezar é encurtamento da palavra recitar. Então, por que os crentes têm medo da palavra rezar? Será só por espírito de contradição?)

Reze, pois, este salmo com o sentimento com que Jesus o ouvia, lia, sentiu e pronunciou. Comparando com o que fizeram com Jesus em sua vida pública e, sobretudo, na sua dolorosíssima paixão: os fariseus, os saduceus, os políticos, os dirigentes religiosos e, instigada por eles, a plebe, pedindo em altos gritos a morte de Jesus... Quem souber aplicar estes 32 versículos à paixão de Cristo, dispensará páginas e páginas de comentário escrito. O coração adivinha...

Cassiodoro, escritor dos primeiros séculos da Igreja, escreveu: “Enquanto outros salmos mencionam brevemente a paixão do Senhor, este a descreveu com tal exatidão que mais parece uma história do que uma profecia!”

Na primeira parte, ambiente de sombras, trevas, noite. Oração de Jesus na cruz. A nenhuma outra personagem da Bíblia se aplicam tão bem os sofrimentos aqui narrados. Nesta perspectiva, o salmo 21 (22) representa como que a história abreviada e antecipada da paixão de Jesus Cristo.

Na segunda parte, ambiente de luz, vida e dia. Que maravilhas produzem os sofrimentos, quando de todo o coração oferecidos a Deus, por um mundo melhor, pela santa Igreja, pelos nossos familiares, pela conversão dos afastados! É o que contém esta segunda parte do salmo: promessa e prece (e ação de graças) pelo completo triunfo de Deus santo e justo, no fim dos tempos. A perspectiva desta segunda parte ultrapassa a medida humana: até parece um hino a Cristo-Rei.



Pe. José Fonzar é missionário claretiano.
Correio eletrônico: fonfon@sercomtel.com.br

A Igreja do Brasil nos

Ronaldo Mazula

PERÍODO IMPERIAL

A Independência do Brasil e a política religiosa dos imperadores

Durante o século XVIII, na Europa, ocorreu o amadurecimento dos ideais democráticos com o seu auge na Revolução Francesa de 1789. Nas colônias americanas cresceu o desejo de autonomia e libertação diante do domínio exercido pelas metrópoles européias e muitos países se tornaram independentes. Isto gerou uma crise colonial que já vinha se estendendo há várias décadas e a Igreja Católica participou deste processo, às vezes, de modo ambíguo.

Segundo Richard P., a interpretação dessa crise, ocorrida no período de 1808 a 1870, foi praticamente limitada, e por isso mesmo bloqueada, à polêmica entre a Igreja e o Liberalismo. No primeiro caso, a crise foi reduzida à desarticulação da Igreja, pela expulsão da maioria dos bispos da América Latina e pela divisão política do clero durante a guerra de independência, ou pelas perseguições posteriores feitas à Igreja pelos primeiros governos liberais e pelo sectarismo positivista e secularizante do Estado liberal. Essa desarticulação não foi a causa da crise da Igreja, senão um dos seus efeitos. Para as ideologias liberais, a crise da Igreja se reduziu à da sociedade feudal, considerada como incompatível com o desenvolvimento moderno e nacional da América Latina. A Igreja, como instituição conservadora, monárquica e ligada ao passado colonial – segundo

os liberais – devia se transformar e se submeter aos novos governos e, acima de tudo, devia perder o poder social e político que tinha durante o período colonial. Cremos que as duas interpretações são parciais e insuficientes, embora ambas contenham uma parte de verdade (cf. RICHARD, P. *Morte das Crisandades e Nascimento da Igreja*. SP, EP, 1982, p. 52-53).

Nesse período, que podemos chamar de 'pré-independência', como afirmam vários autores, o clero brasileiro, bastante politizado, empenhou-se ativamente na propagação das idéias liberais e revolucionárias. Vários clérigos participaram das lutas

A Igreja do Brasil teve também muitos outros padres e frades que pegaram nas armas, assinaram e fizeram manifestos e contribuíram economicamente para sustentar as lutas.

contra Portugal. Destacaram-se neste trabalho o Frei Francisco Sampaio, carioca, muito bem formado, que teve importância a partir de 1820; foi um grande orador e não foi superado por ninguém. Houve, ainda, o Cônego Januário da Cunha Barbosa e Frei Francisco de Monte Alverne. A Igreja do Brasil teve também muitos outros padres e frades que pegaram

nas armas, assinaram e fizeram manifestos e contribuíram economicamente para sustentar as lutas. Padres e frades, reunidos no Campo de Sant'Ana, no Rio de Janeiro, armados com bacamartes, uniram-se às tropas brasileiras para enfrentar as forças portuguesas, em janeiro de 1822. Destacaram-se aí o padre



Grito do Ipiranga, quadro de Pedro Américo, Museu Paulista, SP, 1822.



séculos XVII e XVIII

Manoel José de Freitas, que organizou algumas tropas; Frei José Maria Breyner que comandou uma companhia de guerrilha; e Frei Caneca, na Revolução Pernambucana de 1817. Muitos membros do clero, que não participaram diretamente das lutas, fizeram-no através de donativos, como cabeças de gado ou mesmo dinheiro.

Assim, com a crise do sistema colonial, em 1822, ocorreu a Proclamação da Independência. A política religiosa de D. Pedro I e de D. Pedro II manteve o 'Direito de Padroado'. O controle do Estado sobre a Igreja foi reforçado e os imperadores utilizaram os mesmos métodos do Marquês de Pombal. Aumentaram as dificuldades para a organização eclesial e a criação de novas dioceses. D. Pedro I, num decreto de 1828, proibiu a admissão de monges estrangeiros nos conventos nacionais, exigindo obediência dos religiosos, não mais aos seus superiores mas às autoridades do país. Decretou o fechamento dos noviciados, em 1855, com o objetivo de coibir o surgimento de vocações missionárias. Naquele período, foi muito importante para o fortalecimento da consciência da autonomia eclesial a 'Questão Religiosa' de 1872-1875, que provocou um conflito entre setores da Igreja com as tendências regalistas e com a Maçonaria e envolveu dois bispos brasileiros, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira e D. Antônio Macedo. Apesar destas dificuldades impostas pela política imperial, começaram a chegar novas congregações religiosas ao Brasil, com destaque para os lazaristas, que se dedicaram à formação do cle-



D. Pedro I aclamado imperador do Brasil a 12 de outubro de 1822.

ro com espírito mais voltado para os ensinamentos e obediência disciplinar romanos. Isto tudo fez com que a Igreja fosse se organizando e estivesse preparada para articular os seus próprios projetos sem a interferência estatal, quando aconteceu sua separação do Estado, com a Proclamação da República.

A Igreja no fim do Império

O controle do Estado sobre a Igreja foi reforçado e os imperadores utilizaram os mesmos métodos do Marquês de Pombal. Aumentaram as dificuldades para a organização eclesial e a criação de novas dioceses. D. Pedro I, num decreto de 1828, proibiu a admissão de monges estrangeiros nos conventos nacionais.

A situação da Igreja, no fim do Império era desencorajadora e preocupante. Ainda era vista e tratada como um órgão administrativo do Estado. Segundo o pe. Manuel Barbosa, "a legislação do Império, no prazo decorrido de 1829 a 1889 é uma emaranhada rede de alvarás, consultas, resoluções, avisos e regulamentos, em cujas malhas o Império trazia presa e manietada a Igreja" (BARBOSA, M. *A Igreja no Brasil*, RJ: 1945, p. 27).

D. Pedro II ignorava a Igreja e evitou uma relação mais intensa com Roma; assim é que entre os anos 1840-89 foram criadas para o Brasil somente três novas dioceses: Porto Alegre, em 1848, Fortaleza e Diamantina, em 1854.

Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

4 de março

São Casimiro –

São Casimiro nasceu no século XV. Esse século foi marcado por vários movimentos de reforma na Igreja e também, por sérias crises eclesiológicas. No início do século, a Igreja passou pelo chamado 'Cisma do Ocidente', período em que dois e até três papas outorgavam para si toda a autoridade eclesial. Em seguida, houve o chamado período da 'papado do renascimento', tempo em que o luxo, o fausto e a promiscuidade tomaram conta das cortes européias, influenciando até a vida de mui-

tos papas, bispos, padres, etc. Foi nesse contexto de crise, porém, que surgiram vários movimentos reformísticos e que o Espírito Santo iluminou homens e mulheres para a fidelidade aos desígnios de Deus. Vários 'pregadores', percorriam cidades e vilas anunciando uma vida cristã mais autêntica. Nasceram congregações religiosas novas e as tradicionais ordens religiosas passaram por reformas internas. Criaram-se associações de leigos e sacerdotes que fundaram os 'Oratórios do Divino Amor' e pregavam a reforma eclesial e as obras de misericórdia. Os humanistas cristãos tentavam dialogar com aquela nova corrente e pregavam o retorno da Igreja aos tempos evangélicos. Finalmente, vários reis ajudaram na reforma interna



Santa Luísa de Maril

15 de março

Luísa de Marillac nasceu no final do século XVI e viveu em toda a primeira metade do século XVII. Período complicado, porque o século XVI, como se sabe, foi um dos séculos mais difíceis de toda a história da Igreja. Nele, aconteceu o maior cisma no seio do Cristianismo: a Reforma Protestante. Após o cisma luterano, a Igreja percebeu que precisava promover uma obra de reforma que desse unidade e consistência à sua doutrina. Foi nesse contexto que foi convocado um dos concílios ecumênicos mais importantes da história do Cristianismo: o Concílio de

Trento, realizado de 1545 a 1563. Já o século XVII marcou um dos períodos de maiores mudanças na história da humanidade. Surgidas anteriormente, desenvolviam-se novas ideologias com perspectivas e propostas diferentes do que se vivia na Idade Média: o Humanismo, o Renascimento, o Empirismo, o Nacionalismo emergente dos estados europeus e o subjetivismo e relativismo crescentes, que provocaram muitas dificuldades para a Igreja. Socialmente, percebe-se que as cortes européias viviam no luxo e que, nas classes populares, crescia em vários países europeus, a pobreza, o abandono dos idosos e carentes.

Nessa época de mudanças, de crise, de crescimento da pobreza e de reações anti-eclesiais viveu Santa Luísa de Marillac. Nasceu em Ferrière (Paris) sendo proveniente de uma família cristã francesa e teve infân-

cia tranqüila. Aos 14 anos, ficou órfã de pai e nessa época começou a encontrar dificuldades e teve que trabalhar para sobreviver. Desejava tornar-se religiosa, mas, por influência da família, casou. Devido às doenças de seu marido, com quem teve um filho, passou por várias crises. Com 34 anos de idade, ficou viúva e decidiu dar um rumo diferente à sua vida. Seu filho entrou no seminário e ela, influenciada inicialmente por São Francisco de Sales e, já nessa época, por São Vicente de Paula, foi ajudar na organização e fundação das Filhas da Caridade, associação religiosa feminina que se tornou a maior congregação religiosa do mundo católico. Falando da vida e missão das Filhas da Caridade, São Vicente de Paula as definia assim: "Vocês têm por mosteiro a casa dos enfermos, por cela um quarto alugado, por capela a igreja paroquial, por

padroeiro da Lituânia – (1458-1484)

da Igreja em seus países e se anteciparam à grande reforma eclesial do Concílio de Trento, ocorrida no século XVI (1545-1563), após o início da reforma luterana.

Foi nesse contexto que viveu São Casimiro, filho do rei Casimiro IV da Polônia e da rainha Isabel de Asburgo. Foi o terceiro filho do rei e teve doze irmãos, todos reis. Educado no ambiente de corte, ele também estava destinado a ser rei da Hungria, mas por fidelidade ao papa e por desejar mais a vida ascética, celibatária e austera, abandonou tudo. Renunciou ao casamento com a filha do rei Frederico III, porque seu pai queria, por meio dos matrimônios dos filhos, ampliar seus domínios políticos. Ajudou o seu pai nos trabalhos de governo, especial-

mente na Lituânia e conseguiu o respeito e afeto de seus súditos. Com 25 anos de idade, morreu de tuberculose e, já então, o povo o venerava como santo. A fama de sua santidade corria velozmente por todos os reinos europeus. Foi canonizado, 37 anos após a sua morte, e tornou-se padroeiro da juventude lituana.

Às vezes, muitos pensam que é impossível viver a santidade em ambientes adversos e ricos. São Casimiro, mostra-nos que mesmo num ambiente de riquezas, de concupiscência, de luxo, é possível ser fiel aos ensinamentos de Deus praticar a justiça e valorizar a vida de acordo com sua vontade. Atualmente, a classe política deixa muito a desejar no estilo e testemunho de vida, pois

crecem a corrupção, os roubos, o desacato pelo bem-comum, o desrespeito pelos direitos humanos, etc. Assim, Casimiro é para nós e para muitos políticos e ricos que necessitam de conversão e transformação de vida, exemplo de:

- cristão fiel a Deus e aos seus ensinamentos;
- nobre que não se dedica às riquezas materiais e não se deixa levar pelos interesses desta vida;
- príncipe que governa com justiça, equidade e benevolência;
- jovem cristão autêntico que leva vida séria, austera e se consagra totalmente a Deus e ao serviço de seu Reino optando pelo celibato.



laca – fundadora das Filhas da Caridade – (1591-1660)



claustrado as ruas da cidade, por clausura a obediência, por grade o temor de Deus, por véu a santa modestia” (cf. SGARBOSSA, M. e GIOVANNINI, L. *Um Santo para cada dia*. SP, Paulus, 1983, p. 84). Esse foi o estilo de vida de Santa Luísa de Marillac, que fez de sua vida uma obra de caridade e simplicidade, dedicando-se aos doentes, aos deficientes, aos abandonados, aos idosos, etc. Ela morreu em 1660 e foi canonizada em 1934. Foi declarada Patrona das Assistentes Sociais pelo Papa João XXIII.

Atualmente, crescem a pobreza, os problemas sociais e as dificuldades para que a maior parte da população mundial possa ter uma vida digna e saudável. Enquanto cresce a

riqueza de uns poucos, aumenta a pobreza de muitos. É neste contexto de exclusão, de marginalização e de desrespeito à vida que Santa Luísa de Marillac é modelo de:

- cristã que procura, em todas as situações da vida, ser fiel a Deus e aos seus ensinamentos;
- cristã autêntica que deixa tudo para se entregar a Deus, colocando-se a serviço da Igreja e do seu Reino;
- cristã que supera as crises da vida e da fé buscando ajuda na contemplação e oração, como também, nos conselhos de pessoas equilibradas e sábias;
- mulher que consegue unir ao seu projeto de vida outras pessoas, construindo condições para que possam colaborar na construção do Reino de Deus;
- mulher totalmente dedicada aos carentes e marginalizados.



Crenças que falam

Wimer Botura Jr.

(Continuação)

Concluindo o fato narrado na edição anterior, o autor explicita as conseqüências para um recém-casado, para quem o derramamento de sangue da esposa, na primeira noite, seria sinal de que se casara com uma virgem. Mais ainda, enfatiza o mal que faz no casamento a falta de diálogo.

Na verdade, aqui, estamos diante de um caso muito comum de "hímen complacente", que realmente não sangra quando perfurado. Aliás, este é um fator que trouxe muitos transtornos a vários casamentos, principalmente às gerações que hoje têm mais de cinquenta anos. Se Norberto não tivesse as crenças que trazia desde sua infância, teria tido condições de conversar com Vera ou com um médico. Poderia esclarecer o fato objetivo que gerou tantos problemas em sua vida. Neste exemplo, os preconceitos de ordem sexual, bastante comuns para aquela geração, mostram o seu peso. Devemos levar em conta que Norberto e Vera são pessoas com escolaridade e inteligência suficientes para esclarecer este conflito.

Este fato prova que as crenças são muitas vezes mais fortes que a racionalidade de um indivíduo. A agressão silenciosa, no caso, é absolutamente incidental por parte da mulher, e muito louca por parte do homem. Ele passará a destruí-la exatamente por uma idéia fora da realidade que, por ser freqüente naquela época, parecia normal. O silêncio, a ocultação do fato gerador do problema, irá provocar maior gravidade ain-

da neste caso. Cada atitude de Vera fornecerá mais material para que Norberto viaje pela sua loucura camuflada, o que o fará sempre ser um homem aparentemente normal, mas dissimulado e infeliz. Se ambos tivessem a chance de voltar a conversar, de se conhecerem realmente, talvez se curassem, ou pelo menos dariam um outro rumo para suas vidas. Vera de alguma forma seguia as crenças de que "não se pode desobedecer ao homem", "não se pode contestá-lo", e por isto não teve potência para gerar uma crise curativa no casal. Assim, poderá, como muitas mães fizeram e ainda fazem, educar suas filhas para a submissão ou solidão.



Fotos: arquivo

Vejam como também uma crença social pode destruir um relacionamento, quando mal interpretada ou avaliada. Para nossa sociedade, o sangramento da vagina, por ocasião da primeira relação sexual, ainda representa que a mulher foi "pura" até o dia do casamento, não mentiu e não esteve com ninguém mais até aquela data. O fato de Vera não sangrar, por exemplo, representa, para Norberto, que ela mentiu e teria tido relações sexuais com algum outro antes dele. Ele desconsidera, a partir

deste fato, o namoro de quatro anos e o relacionamento que semearam.

Falei aqui em pureza de propósito, pois para muitos homens a relação sexual faz com que a mulher perca a pureza. Essa é uma das crenças arraigadas nas gerações mais velhas e que traz problemas sérios para moças que convivem com pais que ainda pensam assim. Recebo, com elevada freqüência, cartas de adolescentes das mais diversas regiões do país, contando-me histórias ligadas a este tipo de crença.

Para finalizar meus comentários sobre as crenças, diria que, a partir da comunicação não-verbal, o homem conseguiu criar a verbal, não sendo a recíproca verdadeira. As crenças são mostradas principalmente pela linguagem não-verbal, sem que a pessoa tenha consciência disso. O mais grave em toda esta história é que muitos de nós preferem confirmar ou ocultar suas crenças, em vez de duvidar delas. A manutenção e a confirmação das crenças nos levam a perenizar nossa problemática.

O primeiro grande passo a ser dado no sentido de solucionar problemas e de preveni-los é duvidar de nossas certezas. Quando uma certeza se cronifica sob a forma de crença, cria-se também um pensamento rígido e perde-se uma das principais características do pensamento inteligente: a capacidade de mudar. É preciso que duvidemos a todo momento de nossas crenças, em vez de confirmá-las, pois assim estaremos sempre dispostos e receptivos às mudanças.



Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro *A paternidade faz a diferença*, Ed. Gente.

ENTRADA**SALADA DE COUVE-FLORES E RABANETE****Ingredientes**

- 1 couve-flor separada em buquezinhos
- $\frac{1}{4}$ de xícara/chá de azeite de oliva
- 2 colheres/sopa de vinagre
- 1 colher/sobremesa de sal
- 4 rabanetes médios cortados em rodela finas

Para polvilhar:**Salsinha picada**

- 1 pimenta dedo-de-moça pequena picada
- 2 colheres/sopa de azeite de oliva

Modo de preparar

1. No processador, triture a couve-flor com o azeite, o vinagre e o sal e transfira para uma travessa.
2. Sobre a couve-flor, distribua o rabanete e, ao redor, disponha folhas de alface.
3. Polvilhe a salada com a salsinha e a pimenta, regue com o azeite e sirva.

PRATO PRINCIPAL**ENSOPADO DE FRANGO E ABOBRINHA****Ingredientes**

- 2kg de sobrecoxa de frango
- $\frac{1}{2}$ colher/sopa de sal
- $\frac{1}{2}$ colher/sopa de colorífico
- 4 dentes de alho amassados
- $\frac{1}{2}$ colher/chá de pimenta-do-reino
- $\frac{1}{2}$ xícara de chá de farinha de trigo
- 3 colheres/sopa de óleo
- 2 e $\frac{1}{2}$ xícaras de água
- 3 abobrinhas pequenas, cortadas em rodela de 2 cm de espessura
- 1 pimentão vermelho médio, cortado em quadradinhos de 2 cm
- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de cebolinha verde, cortada em rodela.

Modo de preparar

1. Retire a pele das sobrecoxas e desosse-as, corte em pedaços de 4 cm, coloque numa tigela e tempere com o sal, o colorífico, o alho e a pimenta-do-reino. Passe-as na farinha de trigo envolvendo bem e reserve.
2. Em uma panela grande, aqueça o óleo em fogo alto. Junte o frango e refogue, mexendo sempre com colher de pau e regando aos poucos com 1 xícara/chá de água, até dourar (cerca de 10 minutos).
3. Regue com a água restante e deixe ferver. Reduza o fogo para baixo e cozinhe até o frango ficar macio (cerca de 5 minutos). Acrescente a abobrinha e o pimentão.
4. Cozinhe em fogo alto até a abobrinha ficar macia (aproximadamente 8 minutos). Transfira para uma tigela, polvilhe com a cebolinha verde e sirva a seguir.

SOBREMESA**Ingredientes**

- 2 potes de iogurte natural
- 2 envelopes de gelatina em pó sem sabor
- $\frac{1}{2}$ xícara/chá de água
- 2 xícaras/chá de suco de manga
- 4 claras
- 3 colheres/sopa de açúcar

Modo de preparar

1. Coloque a gelatina em água fria e leve ao fogo em banho-maria até dissolver bem.

MOUSSE DE MANGA

2. Bata as claras em neve firme, adicione o açúcar, a gelatina dissolvida, o iogurte e o suco de manga. Misture suavemente.
3. Coloque em fôrma de cone molhada e leve à geladeira por cerca de 4 horas.

Calda

2 xícaras/chá de suco de manga e 2 colheres/sopa de açúcar

Modo de preparar

Misture os ingredientes da calda. Leve ao fogo até levantar fervura. Deixe esfriar. Desenforme a mousse e sirva com a calda.

Dependência da bebida

Como se inicia? Quem pode virar um dependente?

(Continuação)

Sônia Mannelli

Quando há filhos envolvidos numa casa em que um dos pais é dependente

Os filhos que convivem num lar desestruturado pelo consumo abusivo do álcool ou de outras drogas sofrem experiências de efeitos devastadores. Alguns, vitimados pela violência doméstica que envolve o ambiente familiar do adicto, sofrem desajustes de personalidade, em especial na área emocional afetiva, com reflexos na idade adulta. Muitos desenvolvem, eles mesmos, alcoolismo ou outros problemas relacionados com o uso de drogas.

Suporte a familiares de dependentes químicos

Programas de reabilitação específicos para familiares de dependência química fazem-se necessários. O intuito é ajudá-los a reorganizar suas vidas ao lado de seus entes queridos, muitas vezes já internados em serviços de saúde ou orientando apropriadas intervenções junto ao adicto, afim de que este venha a reconhecer a necessidade de tratamento.

O desgaste emocional é grande, sendo que muitos familiares não só são afetados psicologicamente quanto apresentam sintomas psicossomáticos. Passam a ter dores de cabeça, insônias, agravadas pelo sentimento de solidão. Desenvolvem ansiedade,

a maior parte do tempo, pelo sentimento de impotência diante do problema. A vergonha pelas situações de embaraço criadas pelo bebedor, leva ao stress. O sentimento da perda da autoridade formal, redundam em acessos de raiva.

É de suma importância o envolvimento do familiar no tratamento, pois a recuperação emocional de ambos (do adicto e familiares próximos: pais, esposa) se faz necessária, uma

Oportunidades lhes são oferecidas para um olhar objetivo para o tipo de relacionamento que estavam tendo e as necessidades de cada indivíduo.

Não há regras milagrosas para resolver o problema da adição do dependente ou de seus familiares, a não ser a conscientização de certos fatos que envolvem a adição: desenvolvimento e reabilitação da unidade familiar, longe dos problemas que envolvem a dependência.

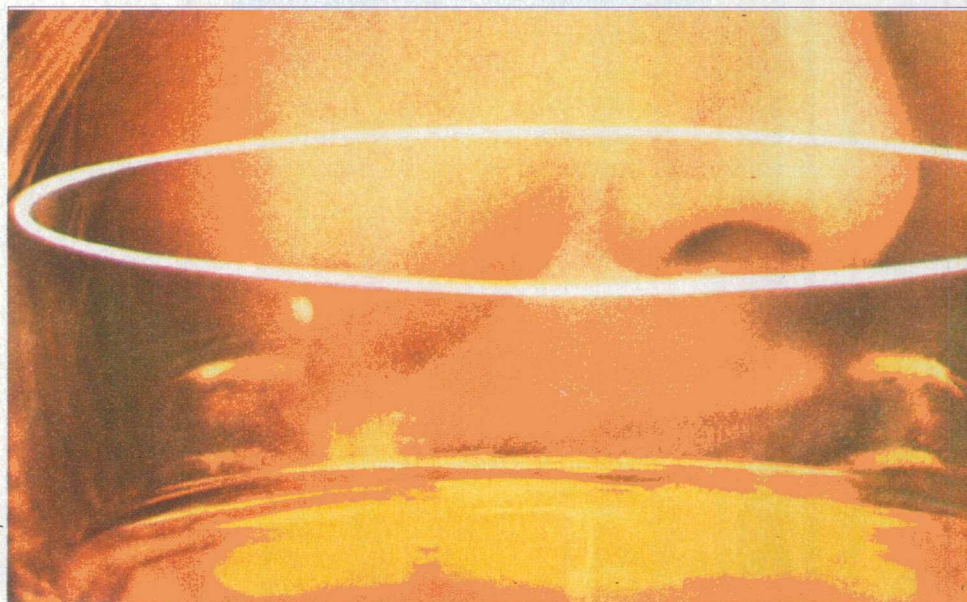


Foto: arquivo

vez que não devem subsistir problemas não-resolvidos no processo de reabilitação integral.

As pessoas envolvidas no processo de adição química, dependentes ou familiares, devem se propor um processo de crescimento; mudanças se necessário, em algumas áreas, mas que os mantenham confortáveis no processo de readaptação ao caminho de volta a uma feliz sobriedade.

A preservação da saúde integral de cada indivíduo é também responsabilidade de líderes da comunidade (clérigos, serviços sociais e outros).

Assim, a discussão informal e objetiva, e a educação sobre a natureza da adição química devem ter prioridade, afim de que haja lares felizes, reconstruídos e uma sociedade mais saudável.



Sônia Mannelli é terapeuta, trabalha na área de dependência química. Tel.: (0__11) 5528-1845.



Senhora da Consolação

Roque Vicente Beraldi

Entre os sentidos da palavra consolação, literariamente se sabe, que ela abrange também, diversos significados como aliviar, animar, confortar, oferecer lenitivo, entre outros. São sinônimos. Considerando filosoficamente, sob o olhar psicológico, é um estado da alma que, por sua vez, não pode ser visto de modo independente da teologia; por se tratar de experiência religiosa.

A base em que se apóia é o pressuposto inato na alma de tender à felicidade, para a qual Deus nos criou. Santo Agostinho nos deixou o incomparável pensamento: "Criastes-nos para vós, Senhor, e o nosso coração estará irrequieto, enquanto não descansar em vós". Não se refere à felicidade mesquinha, sensual, mas, sim, da algo muito grande, sem fim, tanto no espaço como no tempo. Sendo as pessoas capazes desses tão elevados anseios, podem superar as aflições temporais e sensíveis esperando por situações melhores e duradouras. A impressão que fica na alma, ao encontrar tais objetivos e podendo se apoiar neles, é o que, popularmente, entende-se por consolação.

Após a ascensão de Jesus ao céu,

os discípulos caíram em desânimo. O que fazer sem o Mestre? Daí, o papel importantíssimo da presença de Maria, para encorajá-los. Nos momentos difíceis, nas perseguições que já eram sentidas, o medo atingia os seguidores de Cristo. Não se pode duvidar de que Maria, tenha ficado na terra ainda mais tempo do que Jesus, para acalmar os seguidores preocupados, fracos de ânimo e encorajar os apóstolos a levarem a boa-nova da fé. Era nela que todos encontravam a paz e o estímulo para os trabalhos e sacrifícios. Por isso, a tradição crê que, já em vida, Nossa Senhora era considerada a "consolação" de todos no sofrimento. Mesmo após ter sido declarada a rainha do céu e da terra, os primeiros cristãos continuaram a chamá-la de "a consolação". Os padres agostinianos espalharam essa devoção por todo o mundo, certamente por saberem da grande aflição de santa Mônica, ao ver seu filho, Agostinho desgarrado da Igreja. Conseguiu sua conversão por intermédio de Maria. Esta lhe trouxe a consolação e a paz, com a volta de seu filho a Cristo.

Maria continua a conseguir para nós a paz de espírito, se a ela recorreremos nos momentos difíceis. Mas, não esperemos chegarem as dificuldades! Invoquemo-la confiantes, sempre.

ORAÇÃO

Ó Mãe de Deus, enviai a consolação celeste, porque a vós bradamos os filhos de Eva. Por vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei e, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre virgem Maria.

Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.



2 livros grátis!

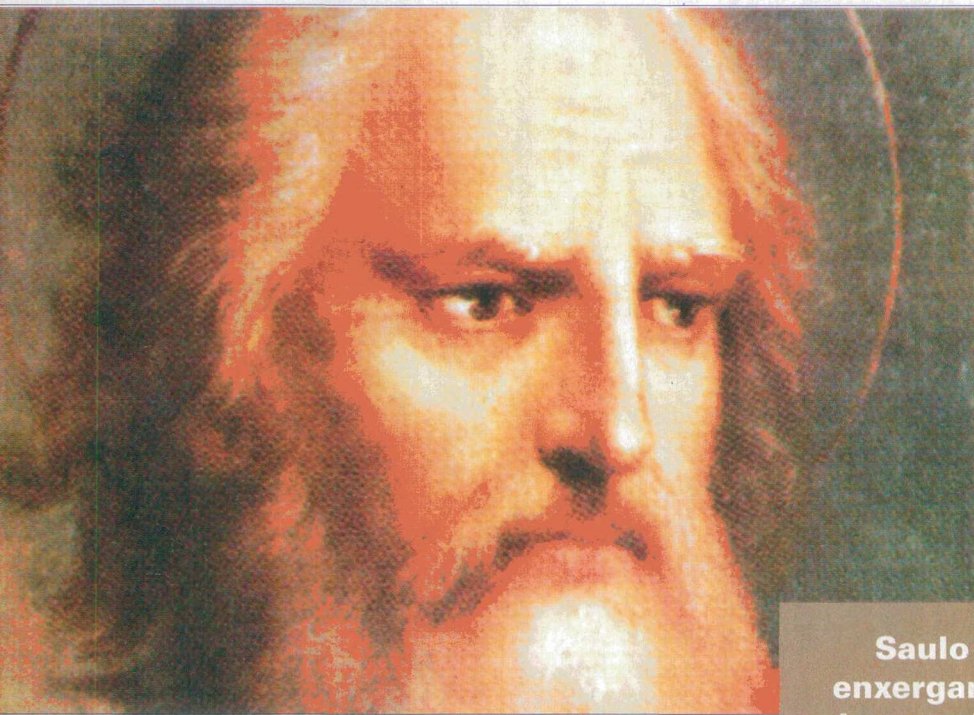
Mande apenas um envelope com seu endereço completo e selos no valor de 3 reais (três reais). Os dois livros serão enviados pelo correio. Não será atendida maior quantidade.

Envie seu pedido para:
Irmãs Franciscanas
Servas da Evangelização
Caixa Postal 122
CEP 72800-970 - Luziânia, GO

Evolução do pensamento

Lendo-me, podeis compreender a percepção que tenho do mistério de Cristo (Ef 3,4)

Geraldo Araújo Lima



No dia 25 de janeiro, a Igreja comemorou a conversão de São Paulo. Certamente, depois do evento Cristo e do fenômeno Pentecostes, este é o acontecimento mais marcante de toda a história do Cristianismo: o primeiro encontro de Saulo de Tarso com Jesus!

Cego de ódio e sequioso de vingança, o jovem fariseu marcha para Damasco, com cartas do Sinédrio, no intuito de *trazer para Jerusalém, presos, os que lá encontrasse pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres* (At 9,2). Aproximando-se da capital da Síria, por volta do meio-dia, Saulo se sente envolvido por uma luz mais intensa que a do sol. Cai por terra, deslumbrado, e ouve uma voz firme que o interpela: *Saulo, Saulo, por que me persegues?*

Ele perguntou: Quem és, Senhor? E a resposta: Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo (At 9,4-5).

E assim, desta maneira fulgurante, Jesus entra na vida de Saulo. A claridade que invade a sua mente é ainda mais intensa do que a que envolve o seu corpo. De repente, Saulo passa a enxergar em Jesus duas realidades, de alcance quase infinito: a ressurreição e o corpo místico! Saulo se encontra diante daquele Jesus que fora crucificado aproximadamente seis anos atrás. Não obstante a morte de cruz, ele está vivo, bem vivo, usando os verbos no tempo pre-

sente: *"Eu sou Jesus"*! Conseqüentemente, ele ressuscitou dos mortos! Por outro lado, ele fala empregando os pronomes da primeira pessoa: *"Por que me persegues? Tu estás me perseguindo!"* Logo Saulo capta uma íntima comunhão entre Cristo e os seus discípulos: perseguindo a estes, é aquele que Saulo persegue. Cristo é a cabeça de um "corpo místico", formado por todos os cristãos!

Estas duas verdades — a ressurreição e o corpo místico — vão, a partir de então, orientar toda a vida e o apostolado do fariseu convertido. Nelas, encontrará respostas para todos os seus questionamentos. Ao longo dos seus trinta anos de caminhada cristã, Saulo — agora Paulo — vai empenhar-se de corpo e alma no conhecimento deste Jesus, que o conquistou: *Tudo eu considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo*

Saulo passa a enxergar em Jesus duas realidades, de alcance quase infinito: a ressurreição e o corpo místico! Saulo se encontra diante daquele Jesus que fora crucificado aproximadamente seis anos atrás.

Jesus, meu Senhor (Fl 3,8). Porém, não se trata de um conhecimento meramente humano; bem ao contrário: *Mesmo se temos conhecido Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim*" (2Cor 5,16). Agora, o conhecimento se dá através do espírito: *Por uma revelação foi-me dado a conhecer o mistério, como atrás vos expus sumariamente: lendo-me, podeis compreender a percepção que*

cris­to­lógico de Paulo



tenho do mistério de Cristo (Ef 3,3-4).

Realmente, lendo as 13 cartas que ele nos deixou, podemos agrupá-las em quatro blocos distintos, mas que se afirmam e afinam, tanto do ponto de vista cronológico como no enfoque cris­to­lógico que apresentam.

Cristo que vem

Este bloco constitui-se das duas cartas aos Tessalonicenses, escritas em Corinto entre os anos 50-51 d.C. Por sinal, são os dois primeiros livros do Novo Testamento, em ordem cronológica.

Como, geralmente, toda carta se destina a responder aos anseios e expectativas do destinatário, o pensamento cris­to­lógico de Paulo nas duas cartas aos Tessalonicenses gira em torno do Cristo que vem; da Parusia, que é o retorno de Jesus no fim da história para julgar o mundo: *Vós vos convertestes dos ídolos a Deus para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro, e esperardes do céu o seu Filho a quem ele ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira futura* (1Ts 1,9-10).

Porém, Paulo não alimenta uma falsa expectativa, nem patrocina o sensacionalismo barato de datas e catástrofes previamente estabelecidas: *No tocante ao tempo e o prazo, meus irmãos, é escusado escrever-vos, porque vós sabeis perfeitamente que o Dia do Senhor virá como um ladrão noturno* (1Ts 5,1-2). Ele até se apres­sa em desfazer a curiosidade mórbida de certas pessoas — inclusive de hoje! — que procuram perturbar a paz de muitas mentes crédulas com projeções espetaculares e descabi-

das: *Quanto à vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, que não percais tão depressa a serenidade de espírito, e não vos perturbeis nem com palavra profética, nem por carta que se diga vir de nós, como se o Dia do Senhor já estivesse próximo. Não vos deixeis enganar de modo algum por pessoa alguma* (2Ts 2,1-3).

A lição prática de tudo isso é que deixemos que o Senhor conduza os nossos corações para o amor a Deus e a perseverança em Cristo (2Ts 3,5).

Paulo não alimenta uma falsa expectativa, nem patrocina o sensacionalismo barato de datas e catástrofes previamente estabelecidas: o Dia do Senhor virá como um ladrão noturno (1Ts 5,1-2).

Vida cotidiana em Cristo

Sem dúvida, é o bloco maior, mais vistoso e importante, formado pelas quatro maiores cartas (Romanos, 1.ª e 2.ª aos Coríntios e aos Gálatas), além da dirigida aos

Filipenses, escritas entre os anos 55-57.

O pensamento cris­to­lógico de Paulo explora aqui o importantíssimo filão da *vida cotidiana em Cristo*. Somente nestas cinco cartas, a expressão "em Cristo Jesus" ocorre 71 vezes! Sinal de que estamos diante de uma pessoa totalmente identificada com Cristo. Para Paulo, a conversão significou, efetivamente, uma mudança total, o morrer de um homem velho e o nascer de um homem novo: *Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas, eis que se fez uma realidade nova* (2Cor 5,17-18).

Trata-se de uma união tão sólida e substancial, que Paulo não hesita em compará-la com o matrimônio, onde o casal humano é chamado a constituir uma só carne: *Aquele que se une ao Senhor constitui com ele um só espírito* (1Cor 6,17). Como no matrimônio humano, uma tal unidade deverá necessariamente conduzir a uma indissolubilidade (*Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe*



Pintura de Caravaggio: Conversão de S. Paulo, Igreja de Santa Maria del Popolo, Roma.

Mt 19,6). E disto Paulo tem uma certeza absoluta: *Quem nos separará do amor de Deus* (Rm 8,35)?

Tal união mística com Cristo permeia todo o ser de Paulo, na sua tríplice dimensão: **somática** (*Eu trago em meu corpo as marcas de Jesus* — Gl 6,17); **psíquica** (*Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus* — Fl 2,5); **espiritual** (*Nós temos o pensamento de Cristo* — 1Cor 2,16).

Tão sublime experiência mística levou Paulo a pronunciar uma das frases mais ousadas de toda a Bíblia: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim* (Gl 2,20).



Pintura de Michelangelo,
Conversão de S. Paulo,
1542-1545, Capela
Paulina, Roma.

Cristo cósmico

Compõe-se das Cartas aos Efésios, aos Colossenses e a Filémon, todas escritas durante a primeira prisão de Paulo em Roma, entre os anos 60-62. Nelas o pensamento cristológico de Paulo guinda-se a alturas nunca antes navegadas. Temos a impressão de que a vida na prisão, arrancando o

grande Apóstolo do estafante corre-corre missionário, proporcionou-lhe tempo e ambiente para que aprofundasse ainda mais a sua penetração no mistério de Cristo. Por mais sublimes que tenham sido as suas reflexões sobre a vida em Cristo, contudo, ainda não atingiram a culminância: "A teologia de Cristo Salvador supunha alguma coisa de mais profundo: o papel de Cristo. Agora Paulo vai dizer quem ele é, perscrutar o seu mistério aquém e além da criação, a fim de conhecer e contemplar melhor o Senhor, menos sobre esta terra onde vivem e labutam os cristãos, onde vive neles e com eles, do que no céu, onde reina com toda a sua majestade soberana e de onde anima, dirige e atrai a si o imenso corpo de que é a cabeça" (A. Brunot).

Paulo, nos seus altíssimos vãos, contempla Jesus como o Criador e Senhor, causa inicial, formal e final de tudo, *porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis... Tudo foi criado por ele e para ele* (Cl 1,16). É o Cristo cósmico! Paulo olha para o universo, em toda a sua magnitude, e percebe que ele não foi apenas criado por Cristo e para Cristo. O olhar dele penetra mais longe: *Tudo foi criado nele e tudo subsiste nele*

(Cl 1,17). Se qualquer coisa subsiste, desde as galáxias até os átomos, é só em Cristo que ela subsiste. Sem ele, tudo voltaria ao nada, *pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude* (Cl 1,19).


Mas, ao mesmo tempo, o Cristo cósmico não deixa de ser o Cristo histórico, aquele que nasceu, sujeito à Lei, viveu no tempo e no espaço, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, *pois nele habita corporalmente toda*

a plenitude da divindade e nele vós fostes levados à plenitude (Cl 2,9).

Fidelidade a Cristo

Este último bloco é formado pelas cartas "pastorais": a Carta a Tito e as duas a Timóteo, escritas entre os anos 65-67. São os últimos escritos do Apóstolo, cuja preocupação é com a fidelidade aos compromissos assumidos: *Timóteo, eu te ordeno, diante de Deus, que dá a vida a todas as coisas, e de Cristo Jesus, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos numa belíssima profissão de fé: guarda o mandamento imaculado, irrepreensível, até a aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo* (1Tm 6,13-14). E Paulo apresenta as suas razões: *Porque é preciso que, sendo ecônomo das coisas de Deus, o bispo seja irrepreensível... de tal modo fiel na exposição da palavra que seja capaz de ensinar a sã doutrina, como também de refutar os que a contradizem* (Tt 1,7.9).

Outrossim, Paulo não perde tempo em reforçar que o melhor instrumento para desenvolvermos esta fidelidade a Cristo e à sua doutrina é o recurso constante às Escrituras: *elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra*" (2Tm 3,15-17).

Conhecedor profundo das fraquezas humanas e das circunstâncias adversas que seus discípulos atravessam, Paulo termina a sua trajetória terrena batendo forte na tecla melindrosa do *não se envergonhar* (cf. 2Tm 1,8.12.16; 2,15). Será que isto tem algo a ver conosco?! 

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jaboatão do Guararapes, PE..



É MAIS CÔMODO ATIRAR PEDRAS!

5º domingo da Quaresma

1.º de abril de 2001

INTRODUÇÃO

A satisfação de lançar pedras nos que erram faz esquecer quem somos. “Liberta-nos” de nossa responsabilidade e do sentimento de culpa. Marginalizamos, por exemplo, os drogados para que não possam censurar a nossa inutilidade!

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Is 43,16-21

Salvação inesperada para um povo humilhado na deportação forçada — pode ser o resumo da misericórdia gratuita de Deus para com os hebreus rebeldes. O profeta Isaías promete, agora, maiores maravilhas, ainda. Pede que se esqueçam todas as intervenções divinas anteriores para a libertação de seu povo. Pois, Deus realizará coisas novas.

Com esplêndidas figuras, reafirma que Deus jamais se esquece do homem. Não agiu somente no passado, continuará, agora, manifestando o seu amor, realizando obras extraordinárias.

É preciso, porém, abrir os olhos! No evangelho deste domingo podemos verificar se estamos em condições de entender e de aceitar este seu modo de agir. Ele nos colocará de frente a um gesto de salvação desconcertante. Sabemos aceitá-lo?

2.ª leitura Fl 3,8-14

Paulo tinha um coração jovem; era um fariseu, cumpria com fidelidade a lei e a defendia encarniçadamente; tinha a plena convicção de que conseguiria a salvação mediante o cumprimento de todas as tradições dos antigos. Depois, porém, que encontrou Cristo, imediatamente rompeu com o passado e aceitou a novidade do Evangelho. Daquele dia em diante, tudo aquilo em que ele confiara perdeu o valor e considerou como “esterco”.

É difícil romper com o passado de uma hora para outra. Imaginemos como é difícil renunciar ao modo de pensar que assimilamos desde a infância, seguindo o qual consideramos lógico, normal e certo, buscar vantagens para nós mesmos, competir com os outros em vez de servi-los, guardar rancor pelas desfeitas recebidas, etc.

Contudo, bem sabemos, essas atitudes não são compatíveis com a novidade do Evangelho. Não nos é fácil aceitar a maneira de pensar de Jesus. Esta se choca frontalmente com tudo aquilo que sempre julgamos certo.

Evangelho Jo 8,1-11

Até o leitor mais distraído poderá ficar admirado com as palavras proferidas por Jesus! Disse ele à mulher adúltera: *nem eu te condeno* (v.10).

Então, praticar o bem ou o mal é a mesma coisa?

De modo nenhum! O pecado é um mal muito grave que infelicita e destrói a vida de quem o pratica. Jesus não

diz à mulher: “Vai em paz, fizeste bem em trair teu marido, continua fazendo assim...!”, mas lhe diz: “para com isso, não peques mais, para não estragar a tua vida por um instante de prazer!”. Outros dizem: “Estão vendo como Jesus é bom? A mulher deveria ser apedrejada, mas, como estava muito arrependida, Jesus tomou a sua defesa”!

O problema é justamente este: não há indícios de que a mulher estivesse arrependida. Lucas fala de uma outra mulher que, certa vez, chorou e ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos para mostrar seu arrependimento (cf. 7,36-50).

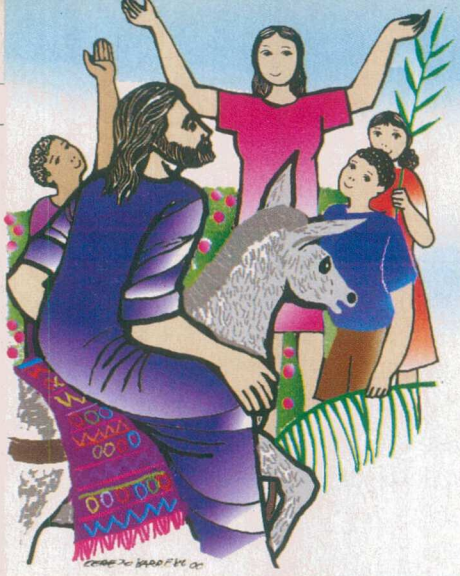
Mas a mulher adúltera do evangelho de hoje não fez nada disso. Foi pega em flagrante, agarrada, ameaçada, chicoteada, e depois jogada no chão. E só. Porém, Jesus não permite que atirem pedras contra aquela mulher. Só deseja a salvação de quem errou.

Há muitas pessoas em nossas comunidades que ainda, hoje, continuam atirando pedras nos que erram. São certas conversas que ferem, matam e destroem o bom nome e a vida dos outros.

Desiludidos e complexados na própria vida familiar e pessoal, neuróticos e resmungões, ao invés de se abrirem para a mensagem do Evangelho, procuram as falhas dos outros. Seria preferível que se voltassem para dentro de si mesmos e sem dúvida não sentiriam tantas cócegas na língua para falar mal do próximo!

REFLEXÃO

Aceitamos o modo de Jesus, de não condenar os que erram? Ou sempre empunhamos pedras (que temos na língua) contra eles? Compreendemos que o desprezo com que às vezes os tratamos é, para Cristo, acusação contra nós? ■



DESCER PARA AMAR

Domingo de Ramos

8 de abril de 2001

INTRODUÇÃO

Para Jesus, “amar” significa “descer”. Ele desceu de Deus para nós e, estando entre nós, desceu até o último, até o mais pequenino.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Is 50,4-7

Parece que já estamos lendo o que nos é narrado pelos evangelistas sobre os sofrimentos pelos quais passou Jesus, quando foi preso e entregue por Pilatos aos soldados. Trata-se da narração dos sofrimentos do “Servo do Senhor”, figura de Cristo sofredor. Foi surrado, insultado, esbofeteado, e até cuspiram em seu rosto; mas ele não reagiu, — como esperaríamos —, nem se voltou contra Deus. Mas, não obstante todas as dores, continuou confiando no Senhor.

Também experimentamos angústias e aflições, que nos fazem sofrer muito. São preocupações com a educação dos filhos, com o sustento da casa, com o dinheiro que nunca dá. Felizes de nós, se, a exemplo de Cristo, não perdermos a serenidade, a esperança e continuarmos confiando no Senhor!

2.ª leitura Fl 2,6-11

Na comunidade de Filipos, havia sempre alguém pretendendo sentir-se superior aos demais, querendo se impor, mandar, decidir, dominar sobre os demais.

Por causa dessa situação, Paulo, na sua carta, recomenda: *nada façais por espírito ou vanglória, mas que a humildade vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos. Cada qual tenha em vista não os próprios interesses e sim os dos outros.*

O exemplo é Jesus Cristo. Ele existia antes de tornar-se homem; ao encarnar-se, abandonou toda a sua grandeza divina e apareceu aos nossos olhos na humildade e na fraqueza do mais desprezado dos homens, do escravo, aquele para o qual os romanos tinham reservado o suplício da cruz.

Jesus, encarnando-se, não perdeu a sua natureza divina; esta ficou simplesmente escondida sob a humilde aparência humana que ele assumiu.

É isto o que significa dizer que ele desceu até nós. Não julgou nenhum desdouro vir ao encontro dos pecadores, dos excluídos, dos mais pobres e desprezados.

Evangelho Lc 22,14—23,56

Ao narrar os últimos sofrimentos de Jesus, Lucas destacou sua bondade e misericórdia. Quando, por exemplo, Pedro resolveu ceder à violência, recorrendo às armas, Jesus censurou-o severamente e preocupou-se com o ferido e o curou. O adversário não é para ser aniquilado, mas deve poder encontrar apoio para crescer como pessoa e libertar-se das suas escravidões. Nossa missão é transformar os adversários em irmãos.

Somente Lucas deixou registrado que o Senhor, voltando-se, olhou para Pedro, que chorou. Com esse porme-

nor comovente, quer ensinar-nos que não nos devemos desencorajar diante das fraquezas e dos pecados. Jesus é muito compreensivo e, hoje também, dirige a todos um olhar misericordioso e cheio de amor.

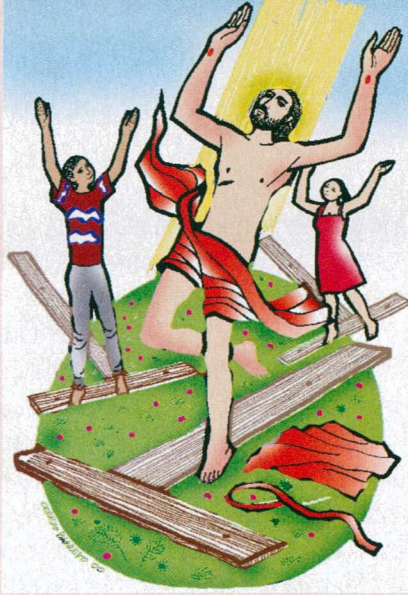
Lucas foi o único evangelista a registrar que Jesus, alguns instantes antes de exalar o último suspiro, ainda teve a energia para dizer: *Pai, perdoalhes este pecado, porque não sabem o que fazem.* Não se referia aos soldados, ocupados em dividir entre si suas vestes, mas aos verdadeiros responsáveis pela sua morte: as autoridades religiosas do seu povo. Jesus não se limitou a ordenar aos seus discípulos que perdoassem sempre e sem condições, mas ele mesmo perdoou e nos deixou o exemplo.

No começo do *Evangelho de Lucas*, Jesus apareceu no meio dos pastores: considerados, na época, os últimos, os desprezados, os impuros de Israel. Em seguida, passou sua vida pública cercado por publicanos, pecadores e prostitutas.

E, no fim, encontrou-se no meio de quem mais ele amou: os pecadores. Na cruz, está no meio de dois infelizes que fizeram tudo errado na vida. Ele veio de Deus, desceu até nós, mas não voltou sozinho. Retornou ao Pai acompanhado por alguém que representa a todos nós; um pecador, recuperado por seu amor.

REFLEXÃO

Diante das ofensas, preferimos “vencer” pelo ódio, pela vingança ou ser “derrotados” pelo amor, como Jesus? Em nossas famílias e comunidades, ainda reina a ganância por ocupar os primeiros lugares, por estar acima dos outros, mandar? Compreendemos que ocupar o último lugar significa respeitar, dialogar, ser compreensivo? ■



VITÓRIA DA VIDA

Domingo da Páscoa do Senhor

15 de abril de 2001

INTRODUÇÃO

Durante quarenta dias, preparamo-nos para a festa da ressurreição de Cristo. Nossa páscoa não pode parar nos ovos de chocolate. A vitória da vida, que os ovos simbolizam, deve manifestar-se em nós por nossas obras.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 10,34a.37-43

Esta leitura é, antes de tudo, um convite para tomarmos consciência da verdade fundamental da nossa fé, a ressurreição de Cristo.

Às vezes, reduzimos o cristianismo a uma longa lista de imposições e de preceitos morais, ou, então, identificamo-lo com alguns elementos frequentemente secundários da doutrina católica. Poucos de nós, talvez, estejam realmente conscientes de que tudo isso em que acreditam se resume na intervenção de Deus que, em Jesus Cristo, derrotou a morte.

Se em nossas comunidades e em nossa famílias todos vivermos como ressuscitados, se forem abandonadas as obras da morte: os ódios, os ranco-

res, as invejas; se não forem cometidas violências, vinganças, adultérios... então, também nós poderemos proclamar-nos autênticas testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo.

2.ª leitura Cl 3,1-4

Com a ressurreição de Jesus, inauguraram-se terra e céus novos. Um mundo sem luto e sem lágrimas, paz e justiça, alegria e vida sem sombra e sem fim.

Tudo isso, porém, não é visível. Só aos olhos de quem crê é dado distinguir os traços da nova criatura que se está formando na obscuridade e no trabalho da nossa existência terrena.

A morte do pecado foi vencida pela morte de Jesus livremente aceita, na cruz; mas ela continua a agir até que tudo seja cumprido. O pecado foi vencido pelo sacrifício de nosso Salvador inocente; mas continuamos ofendendo à Deus até nosso último dia.

No Senhor ressuscitado, porém, a morte e o pecado não nos causam mais medo, porque pertencem ao velho mundo de que fomos libertos por nosso batismo.

Evangelho Jo 20,1-9

A incredulidade de Pedro serve-nos de conforto. Escreveu João que os discípulos *até então não haviam compreendido que, conforme as Escrituras, Jesus devia ressuscitar dos mortos.*

Ao meditarmos sobre nossa morte e a posterior ressurreição, a exemplo de Jesus, é natural que também nós duvidemos e que nosso coração se aperte, angustiado.

Mesmo que todos os problemas materiais sejam resolvidos e o sofrimento e a doença eliminados, restam ainda algumas perguntas sem resposta no íntimo do coração dos homens: por que vivo e por que devo morrer?

De onde venho e para onde vou?... Somente Cristo, morto e ressuscitado, tem a resposta convincente a essas perguntas.

Devemos trabalhar e nos dedicar. Todavia, tenhamos a convicção de que a plenitude de vida não pode ser alcançada aqui. As boas obras não podem faltar. São manifestação de vida nova, sinais da presença do Ressuscitado em nossas existências.

O discípulo que Jesus amava — talvez o próprio evangelista João — estava sempre, de algum modo, ligado a Pedro. Identificou a mensagem do Mestre, permaneceu junto deste, durante a paixão, ao passo que Pedro ficou parado e o negou; acompanhou Jesus até o Calvário; Pedro, ao invés, fugiu.

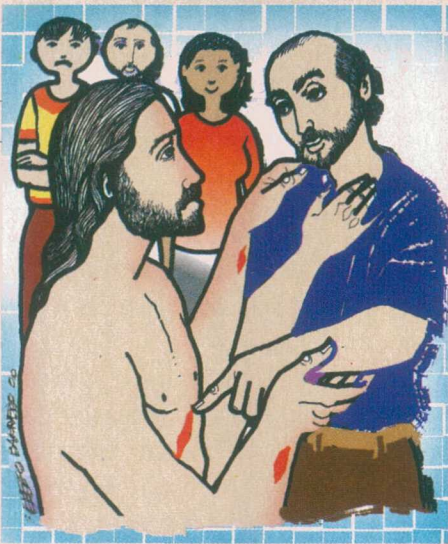
No evangelho de hoje, Pedro aparece novamente vencido. O discípulo que Jesus amava “começa a acreditar”, diante dos sinais da morte: o sepulcro, os panos, o sudário... percebe a vitória da vida. Ao passo que Pedro, vendo as mesmas coisas, custa a ter fé na ressurreição.

A atitude dos dois discípulos diante do sepulcro vazio se repete em nossos dias. Não é verdade que, às vezes, pensamos que a prestação de serviços a nossos irmãos e a doação da própria vida sejam sinais de morte, renúncia e aniquilamento de nós mesmos?

Outros, ao contrário, entendem que uma vida dedicada aos irmãos, como Jesus fez, não se conclui com a morte, mas se abre para a plenitude de vida em Deus.

REFLEXÃO

Qual a posição de cada um de nós diante da escolha da doação da vida? Diante dos problemas, só conseguimos ver indícios de morte, como Pedro? Ou sabemos perceber sinais de vida e ressurreição, como o discípulo que Jesus amava? ■



BEM-AVENTURADOS OS QUE NÃO VIRAM

2.º domingo da Páscoa
22 de abril de 2001

INTRODUÇÃO

Se Jesus ressuscitado não pode ser visto, há uma realidade que pode ser percebida: a comunidade. Nossa vida, deve testemunhar que Cristo está vivo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 5,12-16

Lucas chama a atenção para algumas notas características da igreja primitiva. Era uma comunidade que escutava a doutrina dos apóstolos; tinha lugar próprio para reuniões; distinguia-se dos que não criam, mas era aberta a quem quer que desejasse se associar a eles na fé em Jesus ressuscitado.

Assim também, a igreja de nossa paróquia não deve ser o lugar onde nós, individualmente, vamos buscar as coisas de que necessitamos para salvar a própria alma.

Formamos uma família, e, portanto, somos convidados a ser solidários uns com os outros. De alguma forma, devemos nos sentir responsáveis por tudo aquilo que acontece com nossos irmãos.

Não basta nos darmos as mãos na hora do "Pai-nosso" e sorrirmos uns para

os outros. Tudo isso é muito bonito, porque é um sinal daquilo que deveríamos ser, em todo o tempo.

Mas, quando saímos da missa, o que fazemos em casa? Damos, ao menos, bom dia aos nossos familiares? E fora de casa? Preocupamo-nos com os outros? A comunhão do Corpo de Cristo pede partilha e perdão dos irmãos.

2.ª leitura Ap 1,9-11a.12-13.17-19

Este trecho apresenta a primeira revelação tida por João, num dia de domingo.

Ele a descreveu, seguindo o estilo comum dos apocalipses, mas acentuou claramente as características do Ressuscitado: plenitude de vida e poder sobre ela e a morte.

O Filho do homem é o Senhor ressuscitado. A longa túnica — que era a veste dos sacerdotes do templo — significa que Jesus é agora o único sacerdote. O cinto de ouro que traz é o símbolo da realeza. Jesus, portanto, é apontado como o único rei. Os sete candelabros representam o conjunto das comunidades cristãs.

Qual é o ensinamento que nos é possível colher desta leitura? Poderíamos nos perguntar quem está no centro das nossas comunidades cristãs, quando nos reunimos no dia do Senhor: é o Ressuscitado, é sua Palavra, ou outras pessoas, pessimistas e contra a vida? Partimos para uma nova semana, sem medo, confiantes em Jesus?

Evangelho João 20,19-31

Afirmamos: "Bem-aventurados os que viram o Ressuscitado". Para Jesus, ao invés, bem-aventurados são aqueles que não viram.

Por quê? Porque têm uma fé mais genuína, mais pura; aliás, esta é a úni-

ca fé realmente pura. Aquele que vê tem a certeza da evidência, possui a prova irrefutável de um fato, mas não a fé.

A única prova que é apresentada para aqueles que procuram motivos para acreditar é o próprio Evangelho. Em favor disso, leia-se o final do evangelho de hoje: *Estes (milagres), porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome* (vv. 30-31). Não há outras provas além desta mesma Palavra.

O encontro com Jesus a que João se refere é evidentemente aquele que acontece no dia do Senhor, no qual, a cada oito dias, a comunidade cristã é convocada para a celebração da Eucaristia. Quando todos os que crêem estão reunidos, eis que aparece o Ressuscitado. Ele, pela voz do celebrante, saúda os discípulos e deseja, como na noite da Páscoa e oito dias depois, que *a paz esteja convosco*.

Naquele momento, Jesus se manifestou vivo aos discípulos. Quem, como Tomé, abandona os encontros da comunidade, não pode fazer a experiência do Ressuscitado, não pode ouvir a sua saudação e a sua palavra, não pode receber a sua paz e o seu perdão, experimentar a sua alegria e receber o seu Espírito.

Quem, no dia do Senhor, permanece em casa, mesmo que seja para rezar sozinho, pode certamente fazer a experiência de Deus, mas não a do Ressuscitado, porque este se faz presente onde a comunidade está reunida!

REFLEXÃO

Como testemunhar perante os homens do nosso tempo que Jesus está vivo? Para nós, ir à missa é somente uma devoção particular? Comportamo-nos realmente como irmãos, quando estamos fora da igreja? ■

Leituras litúrgicas das Missas - abril



5.^a SEMANA DA QUARESMA

2 - segunda: Dn 13,1-9.15-17.19-30.33-62 = Daniel livra Suzana, inocente SI 22. Jo 8,12-20 = Jesus livra uma mulher adúltera.

3 - terça: Nm 21,4-9 = A cura pela serpente. SI101. Jo 8,21-30 = Jesus será reconhecido na cruz.

4 - quarta: Dn 3,14-20.91-92.95 = Três jovens na fornalha. Cânt.: Dn 3,52-56. Jo 8,31-42 = A verdade vos livrará.

5 - quinta: Gn 17,3-9 = Deus muda o nome de Abrão. SI 104. Jo 8,51-59 = Abraão viu o meu dia, e ficou alegre.

6 - sexta: Jr 20,10-13 = O Senhor está comigo. SI 17. Jo 10,31-42 = Jesus escapa dos que o queriam apedrejar.

7 - sábado: Ez 37,21-28 = Deus reunirá seu povo. Cânt.: Jr 31, 10-13. Jo 11,45-46 = Jesus morre para unir.

Deus o constituiu Senhor e Messias. SI 32. Jo 20,11-18 = Aparição a Maria Madalena.

18 - quarta: At 3,1-10 = Pedro a um coxo: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda! SI 104. Lc 24,13-35 = A caminho de Emaús.

19 - quinta: At 3,11-26 = Pedro: matastes o autor da vida, mas Deus o ressuscitou. SI 8. Lc 24,35-48 = Aparição aos Onze.

20 - sexta: At 4,1-12 = Pedro: Jesus, pedra por vós desprezada, tornou-se pedra angular. SI 117. Jo 21,1-14 = Aparição aos discípulos, na Galiléia..

21 - sábado: At 4,13-21 = Pedro e João: não podemos deixar de falar! SI 117. Mc 16,9-15 = Jesus ressuscitado envia os Onze em missão..



SEMANA SANTA

9 - segunda: Is 42,1-7 = 1.º cântico do Servo: apresentação. SI 26. Jo 12,1-11 = Jantar em Betânia e unção dos pés de Jesus.

10 - terça: Is 49,1-6 = 2.º cântico do Servo: a missão. SI 70. Jo 13, 21-33.36-38 = Jesus anuncia a traição dos seus.

11 - quarta: Is 50,4-9a = 3.º cântico do Servo: sofrimento. SI 68. Mt 26, 14-25 = Traído, o Filho do homem vai...

12 - quinta: Is 61,1-3a.8a.8b-9 = O Espírito do Senhor repousa sobre mim. SI 88. Ap 1,5-8 = Jesus, pelo seu sangue, fez-nos sacerdotes. Lc 4,16-21 = O Espírito do Senhor repousa sobre mim.

13 - sexta: *Paixão do Senhor.* Is 52,13—53,12 = 4.º cântico do Servo: paixão e glória. SI 30. Hb 4,14-16; 5,7-9 = Jesus, passou pelas mesmas provações que nós. Jo 18,1—19,42 = Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo.

14 - sábado: Ex 14,15—15,1 = Passagem do mar Vermelho, isto é, do pecado à graça da salvação. Cânt.: Ex 15,1-6.17-18 (R/.1a). Lc 24, 1-12 = Anúncio da Ressurreição.



2.^a SEMANA DA PÁSCOA

23 - segunda: At 4,23-31 = Senhor, realiza prodígios em nome de Jesus, vosso santo servo! SI 2. Jo 3,1-8 = Jesus a Nicodemos: necessário vos é nascer de novo.

24 - terça: At 4,32-37 = Com coragem davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus. SI 92. Jo 3,7b-15 = Jesus a Nicodemos: dizemos o que sabemos.

25 - quarta: *Marcos, Evangelista.* 1Pd 5,5b-14 = Sauda-vos Marcos, meu filho. SI 88. Mc 16,15-20 = Pregai o Evangelho a toda a criatura.

26 - quinta: At 5,27-33 = Pedro e os apóstolos: Deus ressuscitou Jesus, que vós matastes. SI 33. Jo 3,31-36 = Quem crê no Filho tem a vida eterna.

27 - sexta: At 5,34-42 = Contentes de sofrer afrontas pelo nome de Jesus! SI 26. Jo 6,1-15 = Multiplicação dos pães: este é verdadeiramente o profeta.

28 - sábado: At 6,1-7 = Eleição dos primeiros diáconos. SI 32. Jo 6,16-21 = Jesus anda em cima da água.



SEMANA DA OITAVA DA PÁSCOA

16 - segunda: At 2,14.22-33 = Pedro: Jesus, que matastes, Deus o ressuscitou! SI 15. Mt 28,8-15 = Aparição às mulheres.

17 - terça: At 2,36-41 = Pedro: Jesus, que crucificastes,



3.^a SEMANA DA PÁSCOA

30 - segunda: At 6,8-15 = Prisão de Estêvão, testemunha de Jesus de Nazaré. SI 118. Jo 6, 22-29 = O alimento eterno consiste em crer naquele que Deus enviou.

A fraternidade drogas

**Vida sim,
drogas não!**

VIDA SIM, DROGAS NÃO!



Na edição passada, você, caro leitor, foi convidado a VER as situações de morte das drogas.

Procurando na Bíblia Ave-Maria, você leu as passagens que falavam do absinto, do excesso do vinho, dos venenos, enfim. Hoje, convidamo-lo a JULGAR

aquelas realidades, que são de hoje, também, procurando na Bíblia, trechos que falam da Vida e da Morte. Copie-os para uma página em duas colunas, como abaixo. Pense em seu conteúdo e medite-os em seu coração. No próximo número, verificaremos juntos como AGIR para colaborarmos na erradicação das drogas que a tantos jovens seduzem para o caminho do mal e da auto-destruição.

Copie estes textos da Bíblia para ajudar em seu julgamento:

VIDA

Gn 47,27	Mt 7,14
Dt 30,19	Mc 3,1-4
2 Cr 1,7-10	Lc 2,52
Jó 1,1-5	Lc 12,15
Jó 1,21-22	Jo 15,13
Jó 42,10	At 11,18
Sl 15,11	Rm 8,5-6
Sl 29,2-6	Ef 6,2
Sl 127,2	1Tm 4,8
Sl 142,11	Hb 6,7-8
Pr 3,7-8	Hb 13,5
Pr 9,10-12	Tg 1,12
Pr 21,21	1Pd 3,10-11
Pr 14,30	2Pd 1,3-4
Pr 31,10-13	1Jo 3,14

MORTE

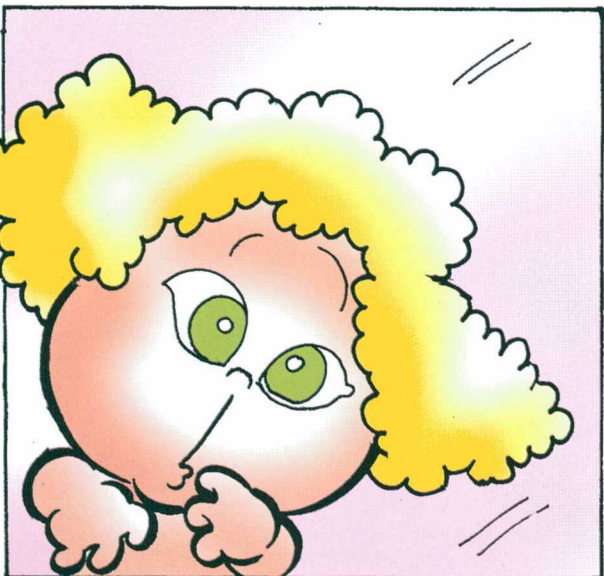
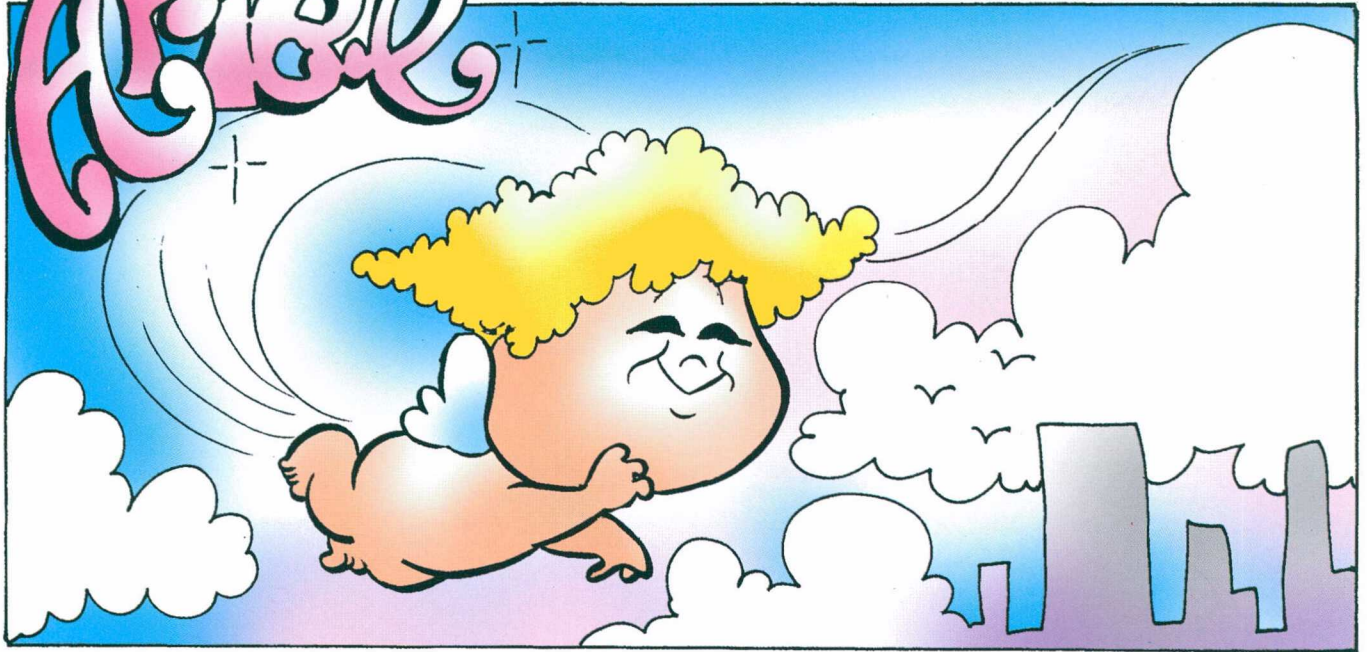
Gn 4,8	Pr 28, 3-4
Dt 30,15ss	Mt 23,27-28
Sl 6,4-5	Mc 5,2-3
Sl 13,1-6	Lc 15,11-16
Sl 16,10-12	At 8,1
Sl 43,23	At 9,1a
Sl 48,15	Rm 1,29-32
Sl 85,14	Rm 3,13-18
Sl 101,21	Rm 6,16
Sl 114,3	Rm 8,5-6
Pr 2,10-15	Rm 13,13
Pr 10,1	1Cor 6,10
Pr 14,1	Gl 5,19-21
Pr 14,12	Tg 1,12-16
Pr 24,30-34	1Jo 3,13-15

Jesus Cristo, que liberta de todas as prisões, é nossa Vida e a resposta a todas as aflições decorrentes das drogas, sinônimo de morte!



Amigo

O ANJINHO DA TURMA





FIM



MUDAR!

Será que nesta historinha a Felícia mudou?

Quantas vezes nós sabemos que estamos fazendo algo errado e continuamos repetindo o mesmo erro, né?

Eu, por exemplo, sempre tinha muito medo de ir ao dentista: minha mãe precisava ficar tentando me convencer a ir, o tempo todo! Mas depois percebi que estava exagerando, que nem precisava ter medo por causa de uma coisinha que nem doía!

Assim, eu me esforcei para não ficar mais pensando daquele jeito e melhorei! Agora eu não ligo e me sinto bem melhor!

Acho que assim podem ser muitas coisas que a gente quer melhorar e fica adiando!

Que tal começar esse novo ano e novo milênio dando o primeiro passo para ser aquilo que a gente quer?

Para mudar é só começar!

Um beijo!

Maíra

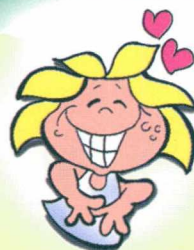
Mensagens da Turma!



Concentre-se naquilo que você quer ser; esqueça-se daquilo que você não quer ser!

MOSCÃO

É nos momentos mais difíceis que nos devemos lembrar que Deus nunca nos abandona!



KACILDA



As dificuldades sempre vêm para nos mostrar as fraquezas que devemos vencer em nós mesmos!

BABO

Kacilda e Ariel



Kacilda



Queridos amiguinhos...

Mais um ano passamos juntos com muitas aventuras e mensagens de amor e fraternidade!

Foi maravilhoso receber suas cartinhas e saber que a turminha é tão querida! Que esse novo ano que se inicia seja repleto de felicidade, e que a paz de Maria esteja sempre presente em seus corações!

A autora:
Tina Glória

revista AVE MARIA

PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA
MARIANA DO BRASIL

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da **AVE MARIA** a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, etc. Você sentirá a satisfação de divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria. É muito fácil e simples fazer sua assinatura: de qualquer parte do Brasil é só telefonar, grátis, para
0800-55-5021 ou
(0 -- 11) 3666-2128.

Ave MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666-2128 / 3666-2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Seja um
representante da
revista Ave Maria
em sua cidade.

Não perca esta oportunidade!

Entre em contato conosco pelo telefone:

0800-555-021

(ligação gratuita) no horário comercial.